

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

# VISÃO DO PARAÍSO

OS MOTIVOS EDÊNICOS  
NO DESCOBRIMENTO  
E COLONIZAÇÃO DO BRASIL

**editora brasiliense**

rado, e a de um mundo inacabado ou imaturo. Sob este último aspecto acha ela talvez sua derradeira expressão no pensamento de Hegel, e vai presidir decisivamente seus pontos de vista sobre as duas Américas, a anglo-saxônica — que foi propriamente colonizada —, e a ibérica ou latina que, com certas reservas ou atenuações no que respeita ao Brasil, foi antes conquistada, tudo desembocando afinal na insinuação de um antagonismo futuro entre ambas, que não chega a delinear-se precisamente no seu espírito, por acreditar que é impróprio do mister de filósofo o pretender ser profeta.

Para elaborar-se esta nova edição, e não sei se se definitiva, de *Visão do Paraíso*, tive oportunidade de socorrer-me de numerosas fontes documentais a que não tivera acesso quando preparava a primeira, ainda que de algumas já tivesse notícia. É o caso, para citar um exemplo, do tratado do Paraíso na América, de autoria do Licenciado Antonio León Pinelo. Embora já soubesse que o manuscrito seiscentista fora finalmente impresso em 1941 por diligência do ilustre historiador e homem de Estado peruano Raul Porras Barrenechea, tinham sido inteiramente inúteis os meus esforços no sentido de obter algum exemplar da obra: a resposta invariável às indagações feitas junto a livreiros de Lima era de que se tratava de impressão fora do comércio, de tiragem limitada e já completamente esgotada. Só mais tarde tive a grata satisfação de receber os dois compactos volumes da obra de León Pinelo, que me foram gentilmente mandados de Lima por Don Felix Denegri Luca. Devo tamanha gentileza à intervenção solícita e generosa de um comum amigo, o professor Lewis Hanke, então da Universidade de Columbia, a quem deixo reiterados aqui, e ao Sr. Denegri, os meus melhores agradecimentos.

Três visitas que posteriormente fiz aos E. U. A., uma das quais se prolongou por perto de um ano, deram-me a ocasião de aumentar muito e atualizar meu cabedal de conhecimentos sobre o tema aqui estudado. Para isso foram de inestimável valia as pesquisas que pude efetuar, sucessivamente, na Lilly Library, especialmente na sua opulenta coleção B. Mendel, da Universidade de Indiana, onde me levou convite recebido por intermédio do Professor James Scobie para dar curso sobre matéria de minha especialidade naquela casa; na biblioteca da Universidade de Yale, facilitada esta por um convite semelhante, partido de velho e caro amigo, o Professor Richard M. Morse; por fim, mas *not last*, na Livraria Pública da cidade de Nova York. Com os muitos subsídios novos que me proporcionaram essas pesquisas, e com um reexame mais deitado de algumas partes da obra, de há muito esgotada, veio-me a tentação de publicá-la de novo, refundindo em muitos pontos e enriquecendo o seu texto.

S. Paulo, novembro de 1968.

## I

### *Experiência e fantasia*

O GOSTO DA MARAVILHA E DO MISTÉRIO, quase inseparável da literatura de viagens na era dos grandes descobrimentos marítimos, ocupa espaço singularmente reduzido nos escritos quinhenistas dos portugueses sobre o Novo Mundo. Ou porque a longa prática das navegações do Mar Oceano e o assíduo trato das terras e gentes estranhas já tivessem amortecido neles a sensibilidade para o exótico, ou porque o fascínio do Oriente ainda absorvesse em demasia os seus cuidados, sem deixar margem a maiores surpresas, a verdade é que não os inquietam, aqui, os extraordinários portentos, nem a esperança deles. E o próprio sonho de riquezas fabulosas, que no resto do hemisfério há de guiar tantas vezes os passos do conquistador europeu, é em seu caso constantemente cercado por uma noção mais nítida, porventura, das limitações humanas e terrenas.

A possibilidade sempre iminente de algum prodígio, que ainda persegue os homens daquele tempo, mormente em mundos apartados do seu, alheios aos costumes que adquiriram no viver diário, não deixará de afetá-los, mas quase se pode dizer que os afeta de modo reflexivo: através de idealizações estranhas, não em virtude da experiência. É possível que, para muitos, quase tão fidedignos quanto o simples espetáculo natural, fossem certos da fantasia: da fantasia dos outros, porém, não da própria. Mal se esperaria coisa diversa, aliás, de homens em quem a tradição costumava primar sobre a invenção, e a credulidade sobre a imaginativa. De qualquer modo, raramente chegavam a transceder em demasia o sensível, ou mesmo a colori-lo, retificá-lo, complicá-lo, simplificá-lo, segundo momentâneas exigências.

O que, ao primeiro relance, pode passar por uma característica “moderna” daqueles escritores e viajantes lusitanos — sua adesão ao real e ao imediato, sua capacidade, às vezes, de meticolosa observação, animada, quando muito, de algum interesse pragmático — não se relacionaria, ao contrário, com um tipo de mentalidade já arcaizante na sua época, ainda submisso a padrões longamente ultrapassados pelas tendências que governam o pensamento dos humanistas e, em verdade, de todo o Renascimento?

Nada fará melhor compreender tais homens, atentos, em regra geral, ao pormenor e ao episódico, avessos, quase sempre, a induções audaciosas e delirantes imaginações, do que lembrar, em contraste com o idealismo, com a fantasia e ainda com o senso de unidade dos renascentistas, o pedestre “realismo” e o particularismo próprios da arte medieval, principalmente de fins da Idade Média. Arte em que até as figuras de anjos parecem renunciar ao voo, contentando-se com gestos

mais plausíveis e tímidos (o caminhar, por exemplo, sobre pequenas nuvens, que lhes serviriam de sustentáculo, como se fossem formas corpóreas), e onde o milagroso se exprime através de recursos mais convincentes que as auréolas e nimbo, tão familiares a pintores de outras épocas.<sup>1</sup>

Só a obstinada ilusão de que a capacidade de apreender o real se desenvolveu até aos nossos dias numa progressão constante e retilínea pode fazer-nos esquecer que semelhante “retrocesso” não se deu apenas na esfera da arte. Se parece exata dizer-se que aquela ilusão foi estimulada e fortalecida pelo inegável incremento das ciências exatas e da observação da Natureza, a contar do século XVI, é indubitável, no entanto, que nossa noção da realidade só pôde ser obtida em muitos casos por vias tortuosas, ou mesmo por escamoteações ainda que transitórias, do real e do concreto.

É bem significativo o viço notável alcançado, em geral, durante o Renascimento, por estudos tais como os da Retórica, da Magia, da Astrologia, da Alquimia, que, na sua maior parte, julgamos hoje anti-científicos e ineficazes, por isso mesmo que nos parecem tender a algumas daquelas escamoteações. Na primavera da Idade Moderna, quando à tradição medieval, árabe e cristã se alia a do mundo clássico, agora resuscitada, povoando o céu de imagens “onde se transfiguram, ganhando forças novas, as crenças mitológicas da Antiguidade”<sup>2</sup>, longe de chegarem a desfalecer é, ao contrário, um recrudescimento o que conhecem muitos desses estudos.

Em todo o longo curso da polémica dos humanistas contra a escolástica e o aristotelismo, a superioridade frequentemente afirmada da Retórica em confronto com a Dialéctica e a Lógica relaciona-se para muitos à sua capacidade de aderir mais intimamente ao concreto e ao singular ou, ainda, à sua eficácia maior como instrumento de persuasão<sup>3</sup>. Pode dizer-se que o influxo deste modo de sentir irá marcar ulteriormente o pensamento, segundo todas as probabilidades, a estética dos seicentistas, dirigindo esta última, de um lado, no sentido de esquivar-se à expressão directa, e de outro, paradoxalmente, para a forma incisiva e sem meandros.

1. Cf. Heinrich WOLFFLIN, *Classic Art*, págs. 222 e segs. Sobre o senso de unidade introduzido pela arte renascentista em contraste com a dos fins da Idade Média, veja-se do mesmo autor o *Kunstgeschichtliche Grundbegriffe* as págs. 180 e segs., e *passim*, em particular toda a quarta secção, onde são examinadas, segundo um critério estilístico, as “categorias” antitéticas de Multiplicidade e Unidade.

2. G. PICO DELLA MIRANDOLA, *Disputationes Adversus Astrologum Divinatorem*, I, págs. 13 e segs.

3. Bem típica da argumentação quinhentista sobre o problema é a tese sustentada por Brocardo, nos diálogos de S. Speroni, de que, no plano “histórico”, não se oferece lugar para as verdades absolutas das ciências demonstrativas, mas só para os conhecimentos aproximativos. Achando-se o homem colocado em um meio termo entre os animais e as inteligências puras, é de modo mediano que ele se conhece. “O qual modo”, diz, “não é senão a opinião gerada pela retórica [...]”. Convém, pois, que “as nossas repúblicas sejam prudentemente governadas, não pelas ciências demonstrativas, verdadeiras e certas para todos os tempos, mas pelas retóricas opináveis, variáveis e transitórias (como o são as nossas obras e leis)”. Apud Eugénio GARIN, *Medievo e Renascimento*, pág. 135 e *L'Umanesimo Italiano*, pág. 225.

A propósito deste último aspecto houve mesmo quem relacionasse à especulação de certos humanistas a doutrina do estilo chão, propugnada pelos puritanos, e nela visse o prenúncio, quando não exactamente a causa do racionalismo. Contudo, o pano de fundo daquela especulação ainda é o complexo de ensinamentos contra os quais ela procura rebelar-se, ganhando forças através desta rebelião: o aristotelismo e a escolástica medieval, mas a escolástica de físicos e lógicos, como o fora o português Pedro Hispano, não tanto a de teólogos, como o próprio Santo Tomás de Aquino.

É principalmente nos países ibéricos que, apesar de Vives, por exemplo, ou dos erasmistas hispânicos, mais poderosos se irão fazer os entres da tradição (em particular da tradição aristotélica, logo depois retomada, e da escolástica, recuperada e quase canonizada, até fora das universidades) a certas manifestações extremadas do humanismo. As *animadversões* de um Pedro Ramus, tão influentes entre os povos do Norte<sup>4</sup>, ninguém se há de opor com vivacidade mais agastada, em prol do Estagirita e da Universidade, do que, em sua *Responso*, de 1543, o português António de Gouveia<sup>5</sup>.

Mesmo nesses países, porém, mal se poderá dizer sem exagero que ficará inutil todo o trabalho desenvolvido pelos humanistas, em sua campanha antiescolástica ou antiaristotélica. Da exaltação da Retórica, oposto desse modo à Lógica e à Dialéctica, e ainda da aversão declarada a todo pensamento de cunho abstrato e puramente especulativo, permanecerão neles sinais duradouros.

Se a tanto vão as conseqüências do interesse generalizado pela Retórica, numa época em que se situam as verdadeiras origens do moderno racionalismo e experimentalismo, dificilmente se dirá que foi menos eminente o prestígio, então, de certas doutrinas que a experiência e a razão parecem hoje repelir. Não é inteiramente justo pretender-se, e houve no entanto quem o pretendesse, que o ocultismo da Idade Média se reduza à *baixa magia* dos bruxedos, ao passo que a grande magia pertence de fato ao Renascimento. E todavia parece exato dizer que durante a era quinhentista e ao menos até Giordano Bruno e Campanella, se não mais tarde, as ideias mágicas alimentam constantemente a mais conhecida literatura filosófico-teológica.

4. Cf. Walter J. ONG, S. J., “Ramus and the Pre-Newtonian Mind”, *English Institute Essays*, pág. 169. A influência de Ramus seria sensível na França e, ainda mais, em terras protestantes, como a Alemanha e a Grã-Bretanha, ou mesmo nas colónias Inglesas da América do Norte, terras essas em que o seu sistema, segundo a observação de um historiador das ideias, se tornaria rapidamente um sério rival da lógica aristotélica nas escolas, Paul Oskar KRISTELLER, *The Classic and Renaissance Thought*, pág. 41. Ver também PERRY MILLER, *The New England Mind, the Seventeenth Century*, Boston, 1961, págs. 116-178 e 493-501. Tentou-se recentemente, em obra de cerrada erudição e análise, mostrar a influência decisiva do ramismo sobre toda a poética de John Donne e dos chamados “metafísicos” Ingleses do século XVII: ROSEMOND TUVE, *Elizabethan and Metaphysical Imagery; Renaissance and Twentieth Century Critics*, Chicago, 1947.

5. Da *Antionii Gouveni pro Aristotele responso, aduersus Petri Rami culantias* há reprodução fac-similar moderna, seguida de tradução portuguesa de autoria de Aquilino Ribeiro: António de Gouveia, *Em prol de Aristoteles*, Lisboa, 1940.

Não tem mesmo faltado ultimamente quem procurasse assinalar a íntima relação existente entre as operações mágicas e a própria ciência experimental dos séculos XVI e XVII. Por mais que um Bacon, por exemplo, tivesse procurado eliminar de seu sistema as fábulas, maravilhas, "curiosidades" e tradições, a verdade é que não logrou sustar a infiltração nele de princípios dotados de forte sabor mágico e ocultista. Em embora sem poupar acres censuras à Astrologia, por exemplo, chega a admitir, não obstante, que essa arte há de depurar-se apenas de excessos e escórias, mas não deve ser inteiramente rejeitada.

Por outro lado, os rastros que muitas concepções mágicas deixariam impressos nas suas teorias filosóficas, em sua biologia, sobretudo em sua medicina, que em alguns pontos parece confundir-se com a charlatanice, só se notam em escala muito menor na doutrina cartesiana, porque o terreno por esta aberto deixa naturalmente poucas oportunidades para uma invasão ostensiva da magia e do ocultismo.

Mas quem, como o próprio Descartes, ousou confessar sua incapacidade de discorrer sobre experiências mais raras antes de conseguir investigar ervas e pedras miraculosas de Índia, ou de ver a ave Fênix e tantas outras maravilhas exóticas, e além disso se valeu de lugares comuns tomados à magia natural, para abordar segredos cuja simplicidade e inocência nos impedem de admirar as obras dos homens, não pode ser considerado tão radicalmente infenso a tal ou qual explicação oculta de fatos empíricos. E as causas fornecidas para as propriedades do imã e do âmbar por um espírito como o seu, que tinha em mira dar motivos racionais e mecânicos para fenômenos supostamente ocultos, já puderam ser interpretados como de molde a animar, e não a destruir, a crença na existência de tais fenômenos<sup>6</sup>.

Assim, as mesmas correntes espirituais que irão desembocar a seu tempo na negação do sobrenatural, passando sucessivamente pelo naturalismo, o racionalismo, o agnosticismo e enfim pelo ateísmo sem rebuço ou temor, parecem ocupadas, num primeiro momento, em retardar o mais possível, e por estranho que pareça, em contrariar a marcha no sentido da secularização crescente da vida: meta necessária, posto que nem sempre manifesta, dos seus esforços. De modo que não hesitam em ataviar, idealizar ou querer superar a qualquer preço o espetáculo mundano. Propondo-se uma realidade movéda e ativa, rica em imprevistos de toda sorte, elas destoam abertamente do tranqüilo realismo daqueles que, ancorados na certeza de uma vida ditosa e perene, ainda que pós-túmulo, consentem em aceitar o mundo atual assim como se oferece aos sentidos, e se recusam a vesti-lo de galas vãs.

O resultado é que uns, meio desenganados, talvez sem o saber, das promessas consoladoras, e movidos de uma desordenada impaciência, procuram ou já cuidam ter encontrado na vida presente o que os ou-

6. Lynn THORNDIKE, "The Attitude of Francis Bacon and Descartes towards Magic and Occult Sciences", *Science, Medicine and History*, I, págs. 451-454.

tros aguardam da futura, de sorte que o mundo, para suas imaginações, se converte num cenário preñado de maravilhas. Aos últimos, porém, o viver quotidiano nem os deixa oprimidos, nem os desata dos cuidados terrenos, e o freio que parece moderar sua fantasia é uma esperança contente e sossegada.

Não está um pouco neste caso o realismo comumente desencantado, voltado sobretudo para o particular e o concreto, que vemos predominar entre nossos velhos cronistas portugueses? Desde Gandavo e, melhor, desde Pero Vaz de Caminha até, pelo menos, Frei Vicente do Salvador, desde Pero Vaz de Relatadamente temperada, sujeita, em geral, à inspiração prosaicamente utilitária, o que dita as descrições e reflexões de tais autores. A extravagância deste ou daquele objeto, que ameaça desafiá-lo o costume e ordem da Natureza, pode ocasionalmente acarretar, é certo, alguma vaga sugestão de mistério. De que nos serve, porém, querer penetrar a todo o transe esses segredos importunos? Muito mais do que as especulações ou os desvaireados sonhos, é a experiência imediata o que tende a reger a noção do mundo desses escritores e marinheiros, e é quase como se as coisas só existissem verdadeiramente a partir dela. A experiência, "que é madre das coisas, nos desengana e de toda dúvida nos tira"<sup>7</sup>, assim falou um deles nos primeiros anos do século XVI.

"Madre" das coisas, não apenas sua "mestra", de acordo com a fórmula antiga, que mal principiavam a reabilitar pela mesma época espíritos do porte de Leonardo. A obsessão de irrealidades é, com efeito, o que menos parece mover aqueles homens, em sua constante demanda de terras ignotas. E, se bem que ainda alheios a esse "senso do impossível", por onde, segundo observou finalmente Lucien Febvre, pode distinguir-se a nossa da mentalidade quinhentista<sup>8</sup>, nem por isso mostravam grande afã em perseguir quimeras. Podiam admitir o maravilhoso, e admitiam-no até de bom grado, mas só enquanto se achasse além da órbita de seu saber empírico. Do mesmo modo, em suas cartas náuticas, continuarão a inscrever certos topônimos antiquados ou imaginários<sup>9</sup>, até o momento em que se vejam levados a corrigi-los ou suprimi-los, conforme o caso.

\*

Não era essa, então, a atitude comum entre povos navegadores. Já às primeiras notícias de Colombo sobre as suas Índias tinham come-

7. Duarte PACHECO PEREIRA, *Esmeraldo De Situ Orbis*, pág. 20.

8. "Les hommes de 1541 ne disaient pas: impossible. Ils ne savaient pas douter de la possibilité d'un fait. Aucune notion tyrannique, absolue, contraignante de loi ne limitait pour eux la puissance illimitée d'une nature créatrice et productrice sans frein. La critique du fait ne commençait, précisément, que le jour où cette notion de loi entrait en vigueur universellement — le jour où, par là même, la notion d'impossible, si féconde en dépit de ses apparences négatives, prenait un sens; le jour où, pour tous les esprits, le non posse engendrait le non esse. Au XVII<sup>e</sup> siècle, ce jour n'est pas venu", L. FEBVRE, *Le Problème de l'Inroyance*, págs. 476 e segs.

9. Leo BAGROW, *Die Geschichte der Kartographie*, págs. 90 e segs.

gado a desvanecer-se naquele Novo Mundo os limites do possível. E se todas as coisas ali surgiam magnificadas para quem as viu com os olhos da carta, apalpou com as mãos, calcou com os pés, não seria estranhável que elas se tornassem ainda mais portentosas para os que sem maior trabalho e só com o ouvir e o sonhar se tinham por satisfeitos. Nada parece, aliás, quadrar melhor com certa sabedoria sedentária do que a impaciência de tudo resolver, opinar, generalizar e decidir a qualquer preço, pois o ânimo ocioso não raro se ajusta com a imaginação aventureira e, muitas vezes, de onde mais minguada for a experiência, mais enfiada sairá a fantasia.

Reduzidas porém à palavra impressa, com o prestígio que se associava à novidade, muitas razões falsas e caprichosas deveriam ganhar, por aquele tempo, a força das demonstrações. A Rabelais, ou a quem escreveu o quinto livro de *Pantagruel*, deve-se certa alegoria que traduz a importância atribuída, entre seus contemporâneos, à literatura corrente sobre as terras incógnitas. Disforme velhinho, de enorme goela em que se agitam sete línguas — ou uma língua repartida em sete —, a falarem simultaneamente em sete idiomas diversos, o prodigioso *Ouyr-Dire*, apesar de cego e paralisico das pernas, ostenta da cabeça aos pés tanto de orelhas quanto de olhos tivera Argos.

Cercado de uma chusma de homens e mulheres, sempre atentos e gulosos de ciência, não cessa o monstro de ministrar-lhes, ajudado do mapa-múndi, explicações sumárias, em breves e incisivos aforismos, a respeito das mais notáveis maravilhas existentes em toda a superfície desta esfera terrestre, com o que se fazem eles sapientíssimos doutores, aptos a discorrer de cor e com perfeita elegância, sobre o mínimos aspectos da matéria versada. Matéria de que toda uma vida humana haveria de representar, normalmente, muito pouco para se conhecer sua centésima parte.

Não é sem alguma surpresa que, no rol dos historiadores antigos e modernos, dissimulando-se por trás de um tapete, a trabalhar afanosamente para Ouyr-Dizer e seus discípulos, vamos encontrar (único português nominalmente citado entre os membros de vasta equipe, que não inclui um Vasco da Gama, como não inclui, aliás, Colombo, nem Vespúcio) o descobridor da terra de Santa Cruz<sup>10</sup>. E é já alguma coisa o fato desse Pieter Álvares surgir na relação mutilado apenas do seu apêndice mais notório, quando outros nomes — o de André Thevet, por exemplo, convertido em Tevault, ou o de Cadamosto, transformado em Cadaquist —, de tão estropiados se tornam quase irreconhecíveis.

De qualquer modo a presença de Pedro Álvares Cabral numa ilustre companhia de cronistas ou, como lá está, de historiadores, compunha tão larga quanto eclética, pois abrange, entre outros, Estrabão e Plínio, Heródoto e Marco Polo, Hatton o armênio e o Papa Pio II,

10. *Pantagruel*, Liv. V, ch. XXXI.

ou seja Enéias Sílvio Piccolomini, só seria explicável por alguma estranha confusão: confusão, talvez, entre o almirante lusitano e o chamado Piloto Anônimo, autor de uma das relações conhecidas de sua viagem<sup>11</sup>.

A parte que cabe aos portugueses nas origens da geografia fantástica do Renascimento acha-se, realmente, em nítida desproporção com a múltipla atividade de seus navegadores. Sensíveis, muito embora, às toucâncias e gentilezas dos mundos remotos que a eles se vão desvendando, pode dizer-se, no entanto, que ao menos no caso do Brasil, essencialmente contribuíram para a formação dos chamados mitos da conquista. A atmosfera mágica de que se envolvem para o europeu, desde o começo, as novas terras descobertas, parece assim rarefazer-se à medida em que penetramos a América lusitana. E é quando muito à guisa de metáfora, que o enlevo ante a vegetação sempre verde, o colorido, variedade e estranheza da fauna, a bondade dos ares, a simplicidade e inocência das gentes — tal lhes parece, a alguns, essa inocência que, dissera-o já Pero Vaz de Caminha, “a de Adão não seria maior quanto à vergonha”, — pode sugerir-lhes a imagem do Paraíso Terrestre.

Se imagem semelhante alguma vez lhes ocorreria, aliás, no curso de sua já longa tradição náutica, fora, talvez, quando, passados os primeiros decênios de exploração da costa africana, àqueles quadros que até então tinham descorinado quase incessantemente, de baixos de pedra e areia movediça, em que nem cresce erva, nem há mostras de coisa viva, sucede, transposta a foz do Senegal, o espetáculo de um imenso país verdejante, florido e fértil, como a lembrar-lhes um sítio encantado.

Ao majestoso de tal espetáculo imprimia ainda um cunho de mistério a versão de que as águas do mesmo rio vinham da região das nascentes do Nilo. Alcançado o lugar em 1445 por Dimis Fernandes, dez anos depois um navegante veneziano a serviço do Infante D. Henrique imagina-se, escudado no parecer de “homens sábios”, em face de um dos muitos ramos do Gion, que nasce no Éden: outro ramo seria o Nilo<sup>12</sup>.

11. Lembrou o Sr. Afonso Arinos de Melo Franco, a outro propósito, como, publicada primeiramente em italiano, a relação do “Piloto Anônimo”, saiu em latim, em versão impressa por Grineu no ano de 1512, em que também se redigiu o livro segundo de *Pantagruel*, o mesmo que anuncia a viagem projetada para o herói à Índia — onde se iria casar com a filha do Preste João — com escala no país dos cambais, inspirada possivelmente na rota cabralina. Aludindo ainda à relação, escreve Melo Franco: “Rabelais leu-a seguramente, uma vez que cita nominalmente Pedro Álvares, cujo nome figura no texto da narrativa, o que lhe valeu, ainda recentemente, passar por autor da última”, A. Arinos de Melo Franco, *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, pág. 132.

12. “Delle Navigazioni di Messer Alvisse Da Ca Da Mosto Gentiluomo Veneziano”, Raminisio, *Primo volume & Seconda editione Delle Navigazioni et Viaggi*, pág. 109: “[...] questo fiume, secondo che dicono gli uomini sauii, è un ramo del fiume Gion che vien del paradiso terrestre et questo ramo fu chiamato da gli antichi Niger che vien bagnando tutta l’Ethiopia & appressandosi al mare oceano verso ponente doue spocca, fa molti altri rami & fiumi oltre questo di Senega, & un altro ramo dal detto fiume Gion è il Nilo qual passa l’Egitto, & mette capo nel mare nostro mediterraneo, & questa è la oppione di quelli che hanno cercato il mondo.”

Note-se, porém, que não era de forja lusitana ou sequer quatro-centista essa curiosa teoria que levava um dos tributários do Gion — por certos autores identificado com o próprio Nilo — a ir despejar as águas no Atlântico. Pretendeu-se com bons argumentos que o primeiro a formulá-lo fora Eutimenes de Massília, e o “périplo” que celebrou esse nauta data do sexto século antes de Cristo. Impressionara-se ele com a presença em um rio africano que desemboca no Atlântico, de bestas-feras em tudo semelhantes às que se encontram no Egito. Assim se lê na transcrição que de seu testemunho nos dá Sêneca, com também a afirmativa lacônica de que o Nilo corre naquelas partes occidentais: “Navigavi Atlanticum mare. Inde Nilus fluitl...!”<sup>13</sup>. Outros testemunhos antigos precisam que as tais bestas, semelhantes às do Egito, eram crocodilos e também hipopótamos.

Que Eutimenes tivesse efetivamente alcançado a boca do Senegal, é ponto ainda hoje controverso. Em apoio de semelhante presunção vem justamente aquela referência aos crocodilos, que, a julgar pelas condições atuais, não poderiam encontrar-se em nenhum outro lugar mais ao norte na costa atlântica da África<sup>14</sup>. Como esses grandes sáurios passavam então por uma espécie de prerrogativa do Nilo, não custava aparentar a este todo rio onde porventura se achassem. Foi o que se deu com o próprio Indo, que ainda ao tempo de Alexandre, e para o próprio Alexandre, passava por ser, em realidade, o curso superior do Nilo.

Por incrível que possa parecer, a ideia continuou a ter crédito durante muitos séculos, e saiu mesmo fortalecida com o advento do cristianismo. Pois não está no *Gênesis* que manava do Paraíso Terreal um rio para regá-lo, e dali se tornava em quatro ramos, o Fison, o Gion, o Heidequel e o Eufrates? Desde que os três primeiros passaram a ser em geral identificados com o Ganges, o Nilo, e o Tigre, respectivamente, restava todavia um problema de difícil solução: onde e como chegariam suas correntes a confluir? Flávio Josefo dissera do Éden que era regado por um só rio, cuja corrente circunda a Terra, subdividida em quatro braços. A dificuldade foi por alguns resolvida com a sugestão de que as águas desse rio iam unir-se, na sua maior parte, por baixo da terra.

Registrando semelhante versão, que também se acha bem documentada, aliás, na monumental antologia crítica das antigas viagens de descobrimento elaborada pelo Dr. Richard Hennig, pôde Howard R. Patch invocar a afirmação de Filostórgio de que as águas do Nilo ou Gion, depois de deixarem o Éden e antes de chegarem a qualquer sítio habitado, se dirigem secretamente ao Mar Índico; empreendem então uma espécie de curso circular e logo passam por baixo de todo o continente, que se estende até o Mar Vermelho, onde penetram também às ocultas, para irem reaparecer, afinal, sob os montes chamados da Lua. Ali arrebentam de quatro fontes, não muito arredadas umas das outras, que

lançam suas águas a grandes alturas. Em seguida cai o rio em um precipício alcantilado e, atravessada a Etiópia, entra por fim em terra do Egito<sup>15</sup>.

Por menos espantosa, na aparência, a teoria de que o Nilo deixava um braço para o poente e que este bem poderia ser o Senegal dos antigos navegadores portugueses, teve mais longa vida do que a de sua comunicação subterrânea e submarina com o Indo ou o Ganges. Segundo observa Rinaldo Caddo, em nota à sua edição das viagens de Cadamosto, ainda em 1711 o alemão G. B. Homann casa o Nilo com o Níger, chamando a um *Nilus albus* e a outro *Nilus ater*: ao último faz desaguar no Atlântico através de vários ramos, um dos quais seria o Senegal<sup>16</sup>. Durante toda a Idade Média, a teoria iniciada por Eutimenes e bem acolhida de muitos autores da antigüidade clássica fora acreditada principalmente pelos geógrafos árabes, que, desde Edrisi, por volta de 1150 de nossa era, tinham conhecimento do Níger, a que denominavam o Nilo dos negros. O próprio Edrisi chegara a dizer textualmente que, se o Nilo egípcio corre do sul para o norte, outra parte do mesmo rio “se dirige do oriente até aos extremos limites, no poente: ao longo desse braço estendem-se em sua totalidade ou maior parte, os países dos pretos”<sup>17</sup>.

Não é impossível que, para Cadamosto e seus companheiros portugueses, razões semelhantes às que tinham levado o marinheiro massiliota a associar ao Nilo um dos rios africanos que desembocam no Atlântico, tivessem servido para fortalecer a mesma convicção. O fato é que, depois de aludir à existência de hipopótamos no Gâmbia e em muitos outros cursos de água da região<sup>18</sup>, acrescenta que esse animal não se acha em outras partes navegadas pelos cristãos, ao que ouvira dizer, salvo, talvez, no Nilo: “[...] non si trova in altre parti dove si naviga per nostri Cristiani, per quanto ho potuto intendere, se non per ventura nel Nilo”. De qualquer modo, tão generalizada andava a opinião de que este e o Senegal representam galhos de um mesmo rio, que antes mesmo da primeira viagem do navegador veneziano a serviço do Infante Dom Henrique, encontrava ela guarida na célebre bula *Romanus Pontifex* de Nicolau V, onde se diz das caravelas lusitanas mandadas a descobrir as províncias marítimas para a banda do pólo antártico, terem alcançado a boca de um rio que se pensava ser o Nilo.

É de crer que, herdando essa opinião dos geógrafos árabes, ou mesmo de numerosos autores da antigüidade greco-romana, tais como Heródoto, Aristóteles ou Plínio, não duvidassem muitos portugueses em aceitá-la, tanto mais quanto se limitaram sua explorações geralmente à orla marítima, onde não havia lugar para se verificar sua falsidade.

15. Howard Rollin Patch, *The Other World according to Descriptions in Medieval Literature*, pág. 144.

16. *Le Navigazioni Atlantiche de Alvise Da Cà Da Mosto*, pág. 207, n.

17. Dr. Richard Hennig, *Terrae Incognitae*, I, pág. 102.

18. “Delle Navigazioni di Messer Alvise Da Ca Da Mosto...”, in RAMUSIO, *op. cit.*, I, pág. 118.

13. Sêneca, *Nat. Quaest.*, lib. IV — A II.

14. Dr. Richard Hennig, *Terrae Incognitae*, I, pág. 67.

A imagem dessa África insular, abraçada, em grande parte de seu território, pelos dois ramos de um mesmo rio, não deixaria de ser sugestiva, aliás, para um povo dado à navegação. Da mesma forma poderiam figurar ainda uma Índia insular, tendo em conta que, para o gentio daquelas partes, era fama, segundo refere João de Barros, que o Indo e o Ganges saíam de uma veia comum: de onde a fábula dos dois irmãos que entre eles corria<sup>19</sup>. E sabe-se como o fato de numerosos mapas quinhentistas e seiscentistas mostrarem as águas do Amazonas e as do Prata unidas no nascedouro, através de uma grande lagoa central, levou o historiador Jaime Cortesão a sugerir ultimamente a idéia de uma “ilha Brasil”, que teria sido concebida entre os portugueses da época sob a forma de mito geopolítico.

Não é fácil, contudo, imaginar de que forma concepções como essa, se é que existiram de fato, poderiam ter tido papel tão considerável na expansão lusitana. No caso particular da África, onde elas deviam encontrar terreno excepcionalmente favorável a seu desenvolvimento, devido à velha sugestão de que as águas do Senegal, assim como as do Nilo, provinham do próprio Paraíso Terreal, nada faz crer que chegassem a exercer sobre aqueles navegantes algum extraordinário fascínio. E se tal crença logrou ser amplamente partilhada em Portugal, o que dela nos chega, em escritos dos primeiros anos do século XVI, é quando muito o abafado eco: certa alusão, por exemplo, a um país abençoado, onde os homens aparentemente não adoecem, ou, se já enfermos, logo ficam são em lá chegando.

Com efeito, numa página do *Esmeraldo* referente à Etiópia Inferior, que é como então se chamava a zona limitada ao norte pelo rio do “Çanagá”, Duarte Pacheco Pereira dá como “certo e sabido” que nunca, em algum tempo, morreram ali homens de “pestelencia”. E não somente era dotado o sítio dessa admirável virtude, “que a magestade da grande natureza deu, mas ainda temos, por experiencia, que os navios em que para aquelas partes navegamos, tanto que naquele crima são, nenhuns dos que neles vão, desta infirmitade morrem, posto que desta cidade de Lisboa, sendo toda deste mal, partam e neste caminho alguns aconteçam de adoecer e outros morrer; como na Etiópia são, nenhum dano recebem”<sup>20</sup>.

19. João de Barros, *Décadas*, I, Liv. IV, C. VII.

20. Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo De Situ Orbis*, Liv. I, Cap. 27. Não é evidente como ao Visconde de Santarém quis parecer, que existisse alusão à localidade do Paraíso em certa passagem de Zurara onde, em resposta a Gomes Pires, capitão de uma caravela del-rei que se propunha descer ao longo da costa da África até à terra dos negros, especialmente ao Rio Nilo, isto é o Níger, assim lhe teria dito Álvaro de Freitas: “nem eu nom sou homem pera me atástar de tal companhia, mas vamos hu quiserdes siquer ataa o Paraíso Terreal”, cf. AZURARA, Gomes Eanes de, *Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné*, ed. anotada pelo Visconde de Santarém, págs. 272 e segs., nota. Justifica-se mal, entretanto, a ênfase com que tal interpretação é repelida por um anotador recente da mesma *Crônica*, onde escreve: “Ao contrário do que diz Santarém, em nota, esta frase de Álvaro de Freitas mostra mais desprezo pela geografia da Idade Média, que crença nos seus erros. Aquêle valente navegador exprime assim,

Mesmo se sucedia capitularem momentaneamente ao pendor para o fabuloso, é quase sempre na experiência “madre das coisas” que vemos fiarem-se os marinheiros e exploradores portugueses da época: os olhos que enxergam, as mãos que tateiam, hão de mostrar-lhes constantemente a primeira e a última palavra do saber. Saber este ainda fiel a ponderados conselhos como os de el-rei Dom Duarte, quando reclama de seu leitor que não se deixe mover “sem fundamento certo, nem cure de signos, sonhos ou topos de vontade”<sup>21</sup>. E que irá marcar as próprias páginas dos *Lusiadas*, numa das oitavas finais, onde o poeta, falando a Dom Sebastião, exclama, a propósito, da “disciplina militar prestante”, que esta não se aprende

[...] na fantasia,

Sonhando, imaginando ou estudando,

Se não vendo, tratando e pelejando<sup>22</sup>.

A exploração pelos portugueses da costa ocidental africana e, depois, dos distantes mares e terras do Oriente, poderia assimilar-se, de certo modo, a uma vasta empresa exorcística. Dos demônios e fantasmas que, através de milênios, tinham povoado aqueles mundos remotos, sua passagem irá deixar, se tanto, alguma vaga ou fugaz lembrança, em que as invencões mais delirantes só aparecem depois de filtradas pelas malhas de um comedido bom senso.

À inclinação para engrandecer eventualmente ou para falsear as coisas vistas no ultramar desconhecido, opõe-se neles a *fidei faciendae difficultas*, de que chegará a lamentar-se o Bispo Dom Jerônimo Osório. Aubrey Bell não hesita em afirmar de “todos os viajantes portugueses” quinhentistas, que se põem de guarda contra a “incredulidade notória” que distingue pela mesma época os seus contemporâneos, e a semelhante regra não abre exceção o prôrio Fernão Mendes Pinto, cujos escritos, tidos durante longo tempo como fantasiosos, lhe parecem guardar, apesar de tudo, “o cunho da verdade”<sup>23</sup>.

Não haverá grande exagero em dizer-se daqueles homens que, alheios, embora, às ruidosas especulações, puderam, com seu tocoso realismo, inaugurar novos caminhos ao pensamento científico, no alvorecer dos tempos modernos, pelo simples fato de terem desterrado alguns velhos estorvos ao seu progresso. E dificilmente se poderia deixar de dar razão a historiadores portugueses que assinalam a importante contribuição prestada nesse sentido, por aqueles viajantes e marinheiros. “Eliminar erros e prejuízos”, escreve judiciosamente um destes histo-

risonho, que está disposto a ir desinertessadamente até ao fim do mundo, só para ver como ele é de fato. Isto não quer dizer que acredita que, continuando a navegar, possa chegar ao Paraíso dos teólogos e do poema de Dante”, ZURARA, Gomes Eanes de, *Crônica do Descobrimento e Conquista da Guiné*, ed. da Livraria Civilização, II, pág. 63, nota de José de Bragança.

21. DOM EDUARTE, *Leal Conselheiro*, pág. 15.

22. *Os Lusíadas*, X, 150.

23. AUBREY BELL, *A Literatura Portuguesa*, pág. 294.

riadores “equivale pelo menos a desbravar o acesso à verdade, e este foi, com efeito, o primeiro e mais retumbante resultado dos descobrimentos. As idéias geográficas acerca da África começaram a ruir juntamente com a passagem do Equador, e com este rasgo audaz os nossos pilotos articulam, ao mesmo tempo, os primeiros desmentidos à ciência oficial e aos prejuízos comumente admitidos. A inabitabilidade da zona tórrida, certas idéias sobre as dimensões da Terra, o “sítio do orbe”, as imaginadas proporções das massas líquida e sólida de nosso planeta, os horribéis monstros antropológicos e zoológicos, as lendas de ilhas fantásticas e de terrores inibitórios —, tudo isso que obscurecia o entendimento e entorpecia a ação, foi destruído pelos nossos pilotos com o o soberano vigor dos fatos indisputáveis”<sup>24</sup>.

E um erudito pesquisador da história literária dos descobrimentos marítimos pôde de modo semelhante, e sem intuito, aliás, de pretender associá-la diretamente à sobriedade de imaginativa daqueles pilotos e exploradores, apresentar como uma das consequências de sua obra a progressiva retração da área tradicional dos países da lenda e do sítio. “Na época de Colombo e de Pigafetta”, observa efetivamente Leonardo Oltschki, “as experiências coloniais dos portugueses tinham arrebatao até mesmo às terras da Ásia e da África, muitos dos seus empreendimentos inspirados por Henrique o Navegador, ao longo da orla ocidental africana, as representações fabulosas e monstruosas preexistentes se iam apagando dos roteiros, dos mapas, das imaginações, deslocando-se para outros rumos. Desde que Dinis Dias tomou posse do Cabo Branco, em 1445, e que, passado um ano, Alvaro Fernandes se lançou até à embocadura do Rio Grande, ou que Alvise da Cá Da Mosto, gentil-homem veneziano, penetrou na região do Senegal, subindo o curso do rio para lugares não sabidos, a costa africana deixou de ser uma incógnita e, em seguida às explorações de Bartolomeu Dias, pareceu despojar-se até de seus mistérios. E quando, mais tarde, Vasco da Gama, dobrando o Cabo da Boa Esperança, chega, aos 20 de novembro de 1498, à vista de Calicute, também a Índia fabulosa vai converter-se num imenso mercado que o grande navegador, feito vizo-rei, ensonará a destruir em nome de seu soberano”<sup>25</sup>.

24. Joaquim de CARVALHO, *Estudos Sobre a Cultura Portuguesa do Século XVI*, I, pág. 55.

25. Leonardo OLTSCHKI, *Storia Letteraria delle Scoperte Geografiche*, págs. 34 e segs. — Tornam-se inevitáveis, contudo, alguns reparos às circunstâncias históricas que se relatam nesse trecho. Assim é que o descobrimento e consequente posse do Cabo Branco pelos portugueses data, segundo as melhores probabilidades, de 1441, não de 1445. E foi devido a Nuno Tristão, não a Dinis Dias: a ação deste último anda associada ao descobrimento do Cabo Verde, no continente, não ao do Branco. Nada autoriza a crer, além disso, que Alvaro Fernandes tivesse atingido o Rio Grande, ou seja o Geba atual, célebre pelo fenômeno do *marçatá*. Finalmente não parece muito exato, no caso de Vasco da Gama, relacionar-se o aproveitamento do imenso mercado indiano, em nome do soberano português, com o fato do grande navegador ter sido feito vizo-rei da Índia. A verdade é que o Gama só exerceu esse posto durante os últimos três meses, mal contados, de 1524, quando pouco tempo lhe sobraría para enfrentar a oposição dos maulmanos do Malabar.

\*

Seria possível dizer o mesmo, com a mesma ênfase, a propósito das façanhas náuticas de outros povos, dos castelhanos em particular? Não é precisamente um aguçar-se do senso da maravilha e do mistério o que parece ocorrer, ao menos nos primeiros tempos, quando seus marinheiros entram em contato com os mundos distantes e ignorados? Já ao tempo de Colombo, a crença na proximidade do Paraíso Terrenal não é apenas uma sugestão metafórica ou uma passagera fantasia, mas uma espécie de idéia fixa, que ramificada em numerosos derivados ou variantes, acompanha ou precede, quase indefectivelmente, a atividade dos conquistadores nas Índias de Castela.

Ao chegar diante da costa do Pária, esse pressentimento, que aparentemente animara ao genovês desde que se propusera alcançar o Oriente pelas rotas do Atlântico, acha-se convertido para ele, e talvez para os seus companheiros, numa certeza inabalável que trata de demonstrar com requintes de erudição. Assim, na carta onde narra aos reis católicos as peripécias da terceira viagem ao Novo Mundo — “outro mundo”, nas suas próprias expressões —, propõe-se seriamente, logo que tenha mais notícias a respeito, mandar reconhecer o sítio abençoado onde viveram nossos primeiros pais<sup>26</sup>.

Certas versões geralmente bem apoiadas nos juízos dos telólogos, que tendem a situar o Paraíso nos confins da Ásia, parecem corresponder em tudo aos dados da geografia fantástica em que se deixava embalar o navegante. Se à vista da Ilha de Haiti julgara, de início, ter chegado diante da bíblica Ofir — e quantos, depois dele, não entretiveram a mesma idéia sobre as mais diversas regiões do Novo Mundo? —, a interpretação dada aos nomes indígenas firmará logo a obstinada convicção de que aportara ao Extremo Oriente. Cibao, por exemplo, seria uma simples variante fonética do Cipangu de Marco Polo, e no próprio nome de “cambais”, associado ao gentio mais intratável e sanhoso daquelas ilhas chegava a descobrir uma alusão evidente ao Grão-Cão da Tartária.

A essa porfia e à de procurar prevenir na medida do possível quaisquer dúvidas sobre a veracidade de suas identificações, prende-se o zelo que teve, segundo lembrou, não há muito, um historiador, de recolher os espécimens da flora do lugar que lhe parecessem aptos a dar-lhes mais peso. Como existisse ali certo arbusto cujas folhas cheiravam a canela, não houve hesitação: era canela. Que melhor prova para sua pretensão de ter alcançado o Oriente das especiarias? Assim também o

26. “[...] y agora entre tanto que vengam à noticia desto destas terras que agora nuevamente tengo asentado en el ánima que allí es el Paraíso terrenal, irá el adelantado con tres navios bien atavados para ello à ver más adelante, y descubriro todo hácia aquellas partes”, NAVARRRETE, *Colección de los Viajes y Descubrimientos que Hicieron por Mar los Españoles*, I, págs. 386 e segs.

*no gal del país*, com suas pequeninas nozes, imprestáveis para a alimentação, viu-se assimilado —, lembra-o ainda Samuel Eliot Morison — ao coqueiro das Índias, celebrado por Marco Polo<sup>27</sup>. Vários homens acharam umas raízes no mato e levaram-nas logo a Mestre Sanchez cirurgião para que as examinasse: este, como os que mais se comprazem em abonar de imediato os próprios pareceres e dá-los por certos do que em cuidar se o são, deliberou arbitrariamente que se tratava, nada menos, do precioso ruibarbo da China.

O próprio ouro, tão vivamente almejado, pressentido e já tocado com a imaginação, ainda antes de dar de si mostra menos equívoca, sendo exato que a só existência dele naquelas partes pagaria todo o trabalho de descobrimento e conquista, devia também contribuir a seu modo para corroborar essa pretensão. Pois não assentara Colombo que até à costa de Veragua se estendiam as famosas minas do Rei Salomão, situadas por Josefo na Aúra, ou seja ao oriente da Índia?<sup>28</sup>.

Não só daria aquele ouro grande acréscimo à Fazenda Real, além de cobrir os gastos havidos para tão gloriosa empresa, como o fora a incorporação de novos mundos ao patrimônio da Coroa, mas sobretudo do poder servir a fins mais devotos, entre estes o da recuperação do Santo Sepulcro em Jerusalém. E a presença de tamanhos tesouros nas terras descobertas, se não bastava para atestar a vizinhança com o paraíso perdido, de qualquer forma dava meios para o acesso à eterna bem-aventurança. Assim cuidava, com efeito, o genovês, e escrevendo da Jamaica, em 1503, aos reis católicos, realfirma com singular veemência essa convicção: o ouro, dizia então, é excellentíssimo: de ouro faz-se tesouro, e com ele, quem o tem, realizará quanto quiser no mundo, e até mandará as almas ao paraíso<sup>29</sup>. De sorte que, faltando a remuneração deste mundo, sempre haveria de acudir a celeste.

## II

### *Terras incógnitas*

MAS COLOMBO não estava tão longe de certas concepções correntes durante a Idade Média acerca da realidade física do Éden, que descrese de sua existência em algum lugar do globo. E nada o desprendia da idéia, verdadeiramente obsessiva em seus escritos, de que precisamente as novas Índias, para onde o guiara a mão da Providência, se situavam na orla do Paraíso Terreal. Se à altura do Páris, chega ele a manifestar com mais veemência essa idéia, o fato é que muito antes, e desde o começo de suas viagens de descobrimento, a tópicia das “visões do paraíso” impregna todas as suas descrições daqueles sítios de magia e lenda.

O espetáculo que mais fortemente o impressionara no Haiti, por exemplo, a formosura, única na terra, daquela ilha coberta de árvores de mil maneiras, tão altas que parecem tocar o céu, e que, tudo o leva a crer, jamais perdem folha (pois que as vê em novembro, quando registra o fato, tão viridentes e viçosas como o seriam em maio na Espanha), é um traço inseparável da paisagem edênica. Diante do Cabo Hermoso exclama extasiado: “Y llegando yo aqui a este cabo vino el olor tan bueno y suave de flores ó árboles de la tierra, que era la cosa mas dulce del mundo.” O genito de Cuba é ao seu ver um povo “de amor y sin cuidicia, y convenible para toda cosa, que certífico a Vuestras Altezas que en el mundo creo que no hay mejor gente ni mejor tierra: ellos aman a sus prójimos como a sí mismos, y tienen una habla la mas dulce del mundo, y mansa, y siempre con risa. Ellos andan desnudos, hombres y mujeres, como sus madres los parieron”<sup>1</sup>.

Não falta sequer, nessas descrições, o rouxinol canoro, pássaro, em verdade, desconhecido naquelas paragens e que, disse-o Leonardo Oltschki, constituiria, desde remotas eras, um “atributo fixo, imutável, das primaveras poéticas, dos cerrados bosques umbrosos, dos jardins de delícias, que os poetas não se cansam de celebrar[...]” como se o encantamento em que a maravilhosa visão tinha posto o Admirante, só se pudesse manifestar por intermédio da convenção literária, sem ficar margem para a notação realística<sup>2</sup>.

1. D. Martín Fernández NAVARRRETE, *Colección de los viajes y Descubrimientos*, I, pág. 249.

2. Leonardo OLSCHKI, *Storia Letteraria delle Scoperte*, págs. 17 e 20. Referindo-se especialmente ao “rouxinol” de Colombo, observa ainda Oltschki: “A paisagem do Haiti, como a viu Colombo, era a realização desse esquema literário que o Dante bebera numa longa tradição literária, transfigurando-a em sua fantasia e em seu estilo. Infinitas, na literatura medieval, são as variantes desse motivo, que reaparece nas descrições do Paraíso, dos jardins de amor e delícias, de uma natureza hirta, entre árvores sempre verdes e pássaros sempre músicos, a viver numa primavera constante.”

27. Samuel Eliot MORISON, *Christopher Columbus, Mariner*, pág. 82. A esse respeito observa ainda o mesmo historiador que sendo os coqueiros, uma planta hoje tão característica da costa do Mar das Antilhas, muitos se esquecem de que foram introduzidos ali pelos espanhóis.

28. D. Martín Fernández NAVARRRETE, *Colección de los Viajes y Descubrimientos*, I, pág. 428: “Josefo quiere que este oro se hobiese en la Aúra: si así fuese digo que aquellas minas de la Aúra son unas y se convienen con estas de Veragua, que como yo dije arriba se alarga al Poniente 20 jornadas, y son en una distancia lejos del polo y de la línea. Salomon compró todo aquello, oro, piedras y plata, allí le pueden mandar a coger si les aplice.”

29. D. Martín Fernández NAVARRRETE, *Colección de los Viajes y Descubrimientos*, I, págs. 427 e segs.: “el oro es excellentísimo: del oro se hace tesoro y con él, quien lo tiene, hace quanto quiere en el mundo, y llega a que echa las almas al paraíso.”

É possível que, ao menos neste caso particular, o erudito pesquisador da história literária dos descobrimentos tenha forçado um pouco a mão, dado que o rouxinol da tradição poética e tal como aparece principalmente a partir do último livro das *Geórgicas*, é quase sem exceção uma voz solitária e magoada, sempre a lamentar — *moerens Philomela* — a irreparável perda dos filhos, arrebatados ainda implumes do ninho pela atrocidade de um lavrador. E é, ao contrário, uma sugestão primaveril, verdadeiramente paradisíaca, o que essa mesma voz já agora em coro com outras, irá representar no relato de Colombo: “y cantaba el ruiseñor y otros pajaricos de mili maneras en el mes de noviembre por donde yo andaba”.

Pássaro genuinamente “renascentista”, apesar de retomado a venérvaveis modelos clássicos, fora ele um personagem esporádico e a rigor secundário na tradição medieval — a tradição em que de preferência poderia inspirar-se o genovês — onde, quando aparece, se faz acompanhar em geral da calhandra<sup>3</sup>. Parece provável que Colombo se tenha deixado dominar, neste passo, pelo mesmo engano que então, e ainda mais tarde, há de levar muitos europeus a procurar ver no Novo Mundo algumas das espécies vegetais ou animais que já lhes seriam familiares. Engano tanto mais explicável quanto a um Las Casas, por exemplo, mesmo após dilatada residência nas Índias de Castela, não parecerá absurdo que o descobridor pudesse ouvir nas matas do Haiti o tinado de um pássaro estranho a este hemisfério<sup>4</sup>.

Nem por isso é menos exato dizer que a convenção literária dos motivos edênicos, onde a narrativa bíblica se deixara contaminar de reminiscências clássicas (mito da Idade de Ouro, do Jardim das Hespérides...) e também da geografia fantástica de todas as épocas, veio a afetar decisivamente aquelas descrições. Da selva tropical apresentada por Cristóvão Colombo não parece demasiado pretender, com efeito, que é uma espécie de réplica da “*divina foresta spessa e viva*”, que o poeta, “*pendendo la campagna, lento lento*” vai penetrar para atingir finalmente o paraíso terrestre<sup>5</sup>.

Pouco importa se alguma forma descomunal ou contrafeita parece às vezes querer perturbar o espetáculo incomparável. Não serão apenas primores e deleites o que se há de oferecer aqui ao descobridor. Aos poucos, nesse mágico cenário, começa ele a entrever espantos e perigos. Lado a lado com aquela gente suave e sem malícia, povoaam-no en-

3. Cf. Maria Rosa Lindá, “El ruiseñor de las *Geórgicas* y su influencia en la literatura española de la edad de oro”, *Volkskunst und Kultur der Romanen*, IX, 3-4, págs. 296. Acerca do locus *amoenus* medieval, em suas relações com os padrões clássicos e em sua associação com a ideia do Paraíso Terrestre, cf. ainda Ernst Robert Curtius, *Europäische Literatur und Lateinische Mittelalter*, págs. 200 e segs.

4. Fray Bartolomé de Las Casas, *Historia de las Indias*, I, pág. 231: “Vieron también ánsares muchas y naturales ruiseñores que muy dulcemente cantaban, y es bien de considerar que haya tierra en que por el mes de noviembre los ruiseñores canten”.

5. “Purgatório”, XXVIII, I.

tidades misteriosas, e certamente nocivas — cinocéfalos, *monoculi*, homens caudatos, seretas, amazonas —, que podem emredar em embarcações seu caminho.

Ainda em Cuba, subjugado por uma natureza que lhe oferece todas as galas do Paraíso — “árboles y frutas de muy maravilloso sabor [...] Aves y pajaritos y el cantar de grillos en toda noche con que se holgaban todos: los aires sabrosos y dulces de toda la noche, ni frío ni caliente”<sup>6</sup> —, recebe as primeiras notícias daqueles horrores: “hombres de un ojo y otros con hocicos de perros que comiam hombres, y que en tomando uno lo degollaban y le bebían su sangre y le corraban su natura”<sup>7</sup>.

Mais tarde dizem-lhe que em Cibao os homens nascem com rabo<sup>8</sup>. Por informações de certos índios que tomara a bordo na Espanhaola, sobbera, ainda em janeiro de 1493, três meses após o descobrimento, de uma ilha chamada Matinino, a atual Martinica, só habitada de mulheres. Em dada época do ano lá desembarcavam os homens da Ilha de Caribe (ou seja de Porto Rico) e faziam com elas o que iam a fazer: desses seus ajuntamentos, se nasciam machos, logo os mandavam à dita Ilha de Caribe. As meninas, deixavam-nas ficar consigo<sup>9</sup>.

É interessante notar como nestes casos, não menos do que nos motivos claramente edênicos, se mostra Colombo ainda tributário de velhas convenções eruditas, forjadas ou desenvolvidas por inúmeros teólogos, historiadores, poetas, viajantes, geógrafos, até cartógrafos, principalmente durante a Idade Média. E convenções, por pouco que o pareçam, continuamente enlaçadas ao próprio tema do Paraíso Terrestre. Quase se pode dizer de todas as descrições medievais do Eden que são inconcebíveis sem a presença de uma extraordinária fauna mais ou menos antropomórfica. Ela pertence, a bem dizer, aos arrabaldes daquele jardim mágico, e foi posta ali aparentemente pela própria mão de Deus. Santo Isidoro, que acreditava piamente na existência desses seres estranhos e chegou a dividi-los em quatro ramos distintos, os *portentos*, os *osentos*, os *monstros* e os *prodígios*, segundo parecessem anunciar, manifestar, mostrar ou predir algo futuro, rebate a afirmação dos que os imaginavam nascidos contra a lei da Natureza, pois: a verdade, diz, é que “foram feitos pela vontade divina e a natureza de toda coisa criada é a vontade do Criador sobre ela”<sup>10</sup>.

Alegoricamente poderia talvez interpretar-se a sua presença nas proximidades do paraíso como significando que não nos devemos, um só

6. D. Martín Fernandez NAVARRRETE, *Colección de los Viajes y Descubrimientos*, I, págs. 187. A referência à amenidade perpétua do clima “nem frío, nem quente” — *non ibi frigus, non aestus* — constitui, pelo menos a partir de Santo Isidoro de Sevilha, uma constante das visões do Paraíso.

7. NAVARRRETE, *Colección de los Viajes*, I, pág. 192.

8. NAVARRRETE, *Colección de los Viajes*, I, pág. 301.

9. NAVARRRETE, *Colección de los Viajes*, I, pág. 273.

10. SANTO ISIDORO DE SEVILHA, *Etimologias* Lib. XI, Cap. III.

momento, descurar de nossa salvação, e ainda, que a alma não se há de encaminhar aos prêmios imortais tão segura deles e com tal salvo-conduto que pareça ir sem medo.

Ao genovês não custaria traduzir segundo seu gosto e certeza — a certeza de que se achava no extremo Oriente da Ásia — os gestos e mímicas dos índios que interpelava. E assim como se convencionara situar no Oriente, onde a tradição colocara também o Paraíso, um terreno de eleição para essa fauna fantástica, fazia-se mister encontrá-la nas terras novamente descobertas. De sorte que os cinocéfalos, por exemplo, a que pareceram aludir os índios de Cubá, não deveriam ser diversos daqueles habitantes da Ilha Agama, talvez os andamaneses de hoje, a que se referira Marco Polo: homens que tinham todos “cabeças de cão e dentes e focinho semelhantes aos de um grande masim”<sup>11</sup>. De homens com rabo de “mais de um palmo de comprimento” também tratara o veneziano, localizando-os no reino de Lambri, rico em árvores de pau-brasil: “*Il hi a berci en grant abbondance*”<sup>12</sup> diz com efeito o velho texto francês. Dessa planta preciosa foram levadas sementes a Veneza e o frio as não deixou germinar.

O Paraíso Terrestre não se inclui no itinerário de Marco Polo; outros, porém, que presumem tê-lo visto ou conhecido por notícias fidedignas, não deixariam de dizer que era um jardim rodeado de figuras monstruosas, que nada ficam a dever aos cinocéfalos e caudatos. No *Ymago Mundi* de Hygden, anterior a 1360, aparece na parte oriental, ao alto, um quadrilátero destinado ao Eden. Três rios que saem desse local para desembocar no Indo são atravessados por uma inscrição indicando a existência ali de seres humanos que se sustentam do simples perfume das frutas. Outras inscrições, estas à esquerda do Paraíso, falam de homens que encanecem na mocidade e criam, na velhice, cabelos pretos (“*hic homines canescunt in iuventute et nigrescunt in senectute*”), de mulheres que concebem aos cinco anos de idade para perecerem aos oito, e finalmente de hermafroditas com o peito direito de homem e o esquerdo de mulher<sup>13</sup>. Ainda em 1436, o mapa de Andréa Bianco, provavelmente conhecido de Colombo, mostra, ao lado do Paraíso, numa península projetada do oriente da Ásia, homens sem cabeça e com os olhos e a boca no peito<sup>14</sup>.

A Índia verdadeira, Índia Maior, como lhe chamavam antigos geógrafos e que o Almirante presunha ter alcançado, tanto que escreverá, ainda em 1503, aos reis católicos, que certa região por ele descoberta ficava a dez jornadas do Ganges<sup>15</sup>, era, dada a notoriedade de seus tesouros e mistérios, um dos lugares favorecidos pela demanda do sítio

11. Marco Polo, *Il Milione*, pág. 282.

12. Marco Polo, *Il Milione*, pág. 279 e n. Segundo todas as probabilidades essa alusão a homens de cauda refere-se aos orangotangos, de que o viajante poderia ter tido notícia nos lugares que percorreu.

13. Joachim LEIWEH, *Géographie du Moyen-Âge*, V (*Épilogue*), págs. 147 e segs.

14. Joachim LEIWEH, *Géographie du Moyen-Âge*, II, pág. 86.

15. NAVARRÈTE, *Colección de los Viajes*, I, pág. 419.

do Éden. “En Inde est Paradis Terrestre, où il a de toutes manières de fust d’arbres et de pomes et de fruz qui soient en terre[...]”, escrevera já Brunetto Latino.

Não admira se a mesma Índia ou terra do Fison era, para o autor do célebre *Tesoretto*, pátria dieta das criaturas mais disformes e espantosas que se pudessem fantasiar, tanto que nenhum homem vivo seria capaz de

*Recitar le figure  
Delle bestie e gli ucelli  
Tanto son laidi e fellis*<sup>16</sup>

Mas em outro escrito já tenta recitar esses impossíveis: “homens”, diz, “com os pés apontando para trás e oito dedos em cada pé; outros sem a cerviz, mas de olhos nos ombros; alguns de um olho só, bem ao meio da testa, à maneira dos ciclopes, ou então de uma só perna: estes últimos seriam velocíssimos na carreira”. Brunetto situa igualmente na Índia os homens que logo ao nascer já parecem velhos, e vão tomando feição de moços à medida que envelhecem, assim como as mulheres que engravidam aos cinco anos de idade e não vivem além dos oito. Entre as demais curiosidades do lugar fabuloso, fala ainda de certos homens que matam e devoram aos próprios pais, antes que venham estes a morrer de velhice, ou doença, e têm semelhante prática como altamente piedosa<sup>17</sup>.

A frequência com que até em mapas e itinerários surgem essas figuras indefectivelmente vinculadas à paisagem edênica faz crer que corresponderiam a um sentir geral, porventura nascido de tradições anteriores ou alheias à própria difusão do cristianismo. Neste caso poderiam sujeitar-se posteriormente a interpretações alegóricas: o caso, por exemplo, dos quatro animais providos, cada qual, de seis asas, que o Dante, tomando-os à visão bíblica de Ezequiel ou ao Apocalipse, introduziu em seu Paraíso Terrestre, ou ainda o do grifo, meio leão, meio águia.

*le membra d'oro avea quant'era uccello  
e bianche l'altre di vermiglio miste*<sup>18</sup>.

16. Brunetto LATINI, *Il Tesoretto e il Favolello di Ser...*, págs. 87 e segs.

17. “Et sachiez que en Ynde et en celui país là outre, a maintes diversitez de gentz; car il i a tels qui ne vivent que de poissons, et tiels i a qui occient lor peres avant que il dechient par vieillesce ou par maladie; et si les manjuent, et ce est entre euls une chose de grant pitié. Cil qui hablient au mont Niles ont les piez retors, ce est la plante desus, et ont en chascun pié viii doiz. Autres i a qui ont teste de chien, et li plusor n'ont chier; mais lor olz sont en lor espauls. Unes autres gens i a qui maintenant qu' il naissent, lor chevol deviennent chenu et blanc, et en lor vieillesce merissent. Li autre n'ont que l'oil et une jambe, et corrent trop durement. Et si i a fames qui portent entanz à V anz, mais ne vivent outre l'aage de VIII anz”, Brunet LATINI.

As mesmas monstruosidades aparecem na Índia de Pierre D'AVILLY (um dos autores prediletos de Colombo), que no entanto prefere colocar o Paraíso Terrestre nas Ilhas Afortunadas dos antigos. Cf. Edmond BURON, *Ymago Mundi de Pierre D'Avilly*, págs. 264 e segs.

18. “Purgatório”, XXIX, vv. 112-113.

Aqueles deviam personificar os quatro Evangelhos, significando suas asas a celeridade com que se disseminaram as palavras de Jesus, o qual é simbolizado, por sua vez, na figura do grifo, com suas duas naturezas distintas, a aquilina e a leonina, que equivalem respectivamente à divina e à humana.

A idéia de que existe na Terra, com efeito, algum sítio de bem-aventurança, só acessível aos mortais através de mil perigos e penas, manifestos, ora sob a aparência de uma região tenebrosa, ora de colunas ígneas que nos impedem alcançá-lo, ou então de demônios ou pavorosos monstros, pode prevalecer, porém, independentemente das tradições clássicas ou das escolásticas sutilezas. Na história, por exemplo, das peregrinações de São Brandão, originária de antigas lendas celtas, a Ilha dos Santos, meta dos navegadores irlandeses, só é atingida após dilatada viagem sobre um mar infestado de dragões e gigantes, povoado de ilhas sagradas ou malditas, de onde se eleva, ao cabo, uma larga muralha de trevas, espécie de “mar tenebroso”, que não de transpor os peregrinos quando já se achem quase à vista do lugar a que se destinam.

Não falta sequer, na ilha de Paulo o eremita, visitada por Brandão e seus companheiros, uma réplica da fonte de Juventa, que aparece quase obrigatoriamente nas descrições medievais do Paraíso Terrestre<sup>19</sup>. Segundo versão bastante generalizada entre essas descrições, é do próprio Éden que manam suas águas para ir jorrar de sítio não muito apartado dele, após um percurso subterrâneo. Mandeville, ainda que, muito a seu pesar, não pudesse visitar aqueles jardins maravilhosos, cujo ingresso é vedado aos humanos por um largo deserto povoado de feras, cortado de montanhas invencíveis, e ásperos rochedos, e também pelo tenebroso, pôde, no entanto, ver a fonte e beber de sua água três ou quatro vezes, com o que se sentira melhor disposto e assim contava permanecer até que o chamasse Deus desta mortal. Achava-se ela situada ao sopé da montanha chamada Polumbo e o cheiro e sabor das águas, posto que mudassem de hora em hora, lembravam toda casta de especiarias<sup>20</sup>.

No texto da célebre carta do Preste João, precisa-se que a mesma fonte ficava situada à distância de três dias do jardim de onde Adão fôra expulso. Quem provasse por três vezes daquelas águas, achando-se em jejum, ficaria livre de quaisquer enfermidades e passaria a viver como se não tivesse mais de 32 anos de idade<sup>21</sup>.

Era de esperar, depois das desvairadas especulações de Colombo e outros navegantes, que também a fonte de Juventa, constante apêndice do Paraíso Terrestre, achasse algum meio de introduzir-se na geo-

19. *Journal de Bord de Saint-Brendan*, pág. 189.

20. *Mandeville's Travels*, II, págs. 325 e segs.: “Et dist on que celle fontaine vient de paradis, et pour ce est elle si vertueuse. Est auec ce ceuls qui souuent en boient semblent estre tousiours ieunes, dont les aucuns lappellent et dient que cest la fontaine de iouuent, pour ce quelle fait ressembler a estre les gens iouenes.”

21. Richard HENNING, *Terrae Incognitae*, II, págs. 361 e segs.; *Mandeville's Travels*, II, pág. 159.

grafia visionária do Novo Mundo. A um dos companheiros do genovês em sua segunda viagem, homem aparentemente prático, circunspeto, experimentado, alheio à imaginação desatinada de muitos conquistadores, de crueza notável no trato dos naturais, que perseguia sem tréguas, ajudado de ferozes mastins como o célebre Bezerrillo, tocou a aventura extraordinária de sair em busca daquelas águas de tamanha virtude.

Arrimando-se a uma crença corrente, segundo Herrera, entre o genio insular, Juan Ponce de León, depois de longa residência nas terras descobertas, julgou-se por fim, aos cinquenta anos de idade, e como quem quer corrigir os estragos do corpo, em situação de ir localizar o mais breve caminho para a sagrada fonte e para o rio onde os velhos se revigoram e remocam. A primeira estaria na pequena Ilha de Bimini, e o rio na península contígua da Flórida, que Ponce pensava ser também uma ilha. A lenda indígena viera apenas endossar velha tradição erudita sobre a existência, em alguma parte do orbe, de uma fonte dotada daquelas propriedades.

O caso foi que, animado talvez por essas notícias, armou ele no ano de 1512, em Porto Rico, dois navios bem equipados e aparelhados de gente, indo dar, no domingo de Páscoa, a Páscoa Florida dos espanhóis, a certa terra que, em homenagem ao dia do descobrimento, recebeu o nome que ainda hoje lhe dão. Em seguida tornou a Porto Rico, onde tinha suas fazendas, e de lá se foi a Castela a pedir a el-rei que o fizesse *adelantado* e governador da nova província.

Nada se sabe das informações dadas em Castela por Juan Ponce de León. As patentes e capitulações que obteve da Coroa silenciam a respeito das águas regeneradoras, e tal circunstância pôde originar a tentativa de um historiador moderno de dissociar Ponce da singular demanda a que seu nome ficou vinculado<sup>22</sup>. Seja como for, sua estada em Castela coincidiu com a célebre divulgação da notícia da existência em Bimini e na Flórida de águas dotadas de tão maravilhosa virtude que “bebidas, talvez com alguma dieta, fazem com que os velhos possam voltar à juventude”.

Nesses termos refere-se a elas Pedro Mártir de Anghiera: para exemplificar tal virtude alude ao caso sucedido a certo homem carregado dos achaques da velhice. O qual, tendo ido a provar das águas da fonte, voltou inteiramente recuperado e ainda se casou de novo e teve filhos. Não só entre o povo, naturalmente crédulo, mas também na Corte e no meio daqueles que “a sabedoria e a fortuna separam do comum dos homens” a fama desse extraordinário descobrimento logo alcançou adeptos, conforme a relação que o próprio Pedro Mártir deu sobre o assunto a Leão X. De regresso a Porto Rico, o *adelantado* ainda se demorou ali algum tempo a fim de poder atender a incumbências que lhe dera a Co-

22. Woodbury LOWERY, *The Spanish Settlements within the Present Limits of the United States*, I, pág. 159, n. Cf. também, sobre o assunto, Leonardo OLSCHKI, “Ponce de León's Fountain of Youth”, *HAHR*, XXI, págs. 361 e segs.

roa. Só em 1521 saiu para a conquistista com dois navios, cinquenta cavalos, diversos animais domésticos, ferramentas agrícolas e apetrechos de guerra. Chegando, porém, ao lugar de destino, porfiaram os da Flórida em defendê-la e defender-se, e assim o fizeram com sanha inesperrada para os espanhóis. Tão bem se saíram, que uma das primeiras vítimas dos disparos veio a ser o próprio *adelantado*. Achando-se este em perigo de vida, pois que a flecha acertara em região melindrosa, fez-se transportar com toda a sua companhia para Cuba, que era o lugar mais perto, e ali se passou a final desta vida. Por tal maneira perdeu o corpo, gastou grande cabedal em pesos de ouro, padeceu trabalhos imensos e, pondera ainda Las Casas, “el anima no sabemos como se ha ido”<sup>23</sup>.

A reputação da água miagrosa não feneceu com esse desbarato. Mais de cinquenta anos depois, referia Fontanedo as malogradas tentativas que fizera em rios, riachos e lagrimais da Flórida para ganhar novas forças. E quando Herrera escreveu suas Décadas ainda não se tinha inteiramente dissipado o sedutor mistério. Um eco da projeção que dariam as águas miagrosas ao nome da península estaria, talvez, na tendência dos geógrafos quinhentistas para atribuir ao seu território dimensões desproporcionadas. O próprio Apóstolo das Índias não duvida em prolongar a Flórida até à terra do Labrador, “não muito longe da Inglaterra”, e Schoner, em 1533, estende-a mesmo até ao Nordeste da Ásia, assim como chega a estirar até a península de Malaca a própria costa do Brasil.

Em sua forma inicial, essa idéia das águas rejuvenescedoras permaneceu circunscrita, no Novo Mundo, só à Flórida, quando muito a regiões vizinhas. Não faltou, é certo, quem tentasse situar em outras partes do hemisfério mananciais que, dotados de propriedades bem diversas das suas, se distinguiam por certas virtudes invulgares. Entre as fontes de miagre, de que estão cheios os anais da conquista lembra-se, por exemplo, a de Musso, cujas águas, postas ao sol, se volviavam em tinta preta, com que muitos escreviam; a da ponta de Santa Helena, na costa do Peru, que dava grandes quantidades de breu, de que se alcatroavam os navios; a de Xaramillo, na Nicarágua, onde o animal que dela bebesse ou nela se metesse um pouco teria as carnes consumidas pelas águas, e era restituído em ossos; outras, capazes de dissolver prontamente qualquer pedaço de madeira, ou então convertê-lo em pedra, e era o caso de um olho-d'água existente em Mixteca, na Nova Espanha. Dessas e muitas outras fontes extraordinárias, “fuentes de admiración”, oferece Vargas Machuca breve sumário em seu tratado da milícia das Índias<sup>24</sup>.

Pode dizer-se, porém, que em muitas delas o prodigioso era menos real do que aparente, e provinha, com efeito, de certa disposição de espírito própria de um grande número de soldados da conquistista, que

os levava, depois de tantos espetáculos inusitados, a ver em tudo maravilhas, de sorte que sucedia, não raro, confundir com o elmo de Mambrino alguma bacia de barbear. Só uma vez, ao que se sabe, pois as águas que jorram de Bimini, comparáveis nisto às do Paraíso, que se comunicam entre si secretamente, eram sem dúvida as mesmas que corriam na Flórida, pareceu concretizar-se no Novo Mundo o sonho imemorial das fontes regeneradoras.

Ao lado deste, forjado certamente por uma imaginação sedentária, houve, no entanto, muitos ansejos ou itinerantes que, ao longo das suas extensas migrações, souberam manter quase invariáveis os traços que desde o primeiro instante os distinguiram. Quando muito, deslocando-se assim no espaço, e também no tempo, vinham a transformar-se à maneira de um organismo que se desenvolve.

Um dos mais notáveis, a esse respeito, é o caso, já lembrado aqui, da Ilha Matinínó, que Colombo assinalara por ocasião de sua primeira viagem de descobrimento. Tratava-se de mais um mito erudito, que poderia vir da leitura de Marco Polo ou dos que lhe seguiram os passos. A ilusão do genovês no interpretar os discursos de índios que, muito provavelmente, quereriam significar outra coisa, calca-se perfeitamente, ou quase, sobre a do veneziano, que, dois séculos antes, tinha situado, nos mares orientais sua *isle femelle*. A esta, tal como a Matinínó, iam homens provenientes de outra ilha, distante trinta milhas, ilha só povoada de varões, os quais folgavam de amor com as moradoras durante três meses cada ano. O filho macho permanecia na ilha das mulheres até completar quatorze anos de idade, quando ia para a companhia do pai, ao passo que as meninas permaneciam com a mãe.

A diferença entre essa versão e a de Colombo acha-se em que as ilhas descritas por Marco Polo não são habitadas de gentios, senão de bons cristãos, embora cristãos do galho nestoriano, sujeitos a um bispo que depende, por sua vez, do Arcebispo de Socotora. E tamanha era entre eles a autoridade deste prelado que, além do seu, não reconheciam os insulares outro governo. E a razão que maninha a maior parte do ano as mulheres separadas dos maridos e em ilhas diferentes, não requer explicação misteriosa ou sobrenatural. É que de outra forma, nem uns, nem outras, teriam com que sustentar-se<sup>25</sup>, dada a escassez de viveres de que padeciam aqueles lugares.

Assim como as descrições do autor do *Milhão* tinham alcançado largo crédito entre geógrafos e cartógrafos medievais, o mesmo sucederá, durante algum tempo, com a Ilha Matinínó. As notícias a seu respeito não deixarão de ser acolhidas por Pedro Mártir de Anghiera, por exemplo, no *De Orbe Novo*. O sábio humanista, que movido pela eloquência dos depoimentos sobre a fonte de Juventa, na Flórida de Ponice de León, chegara a tê-los por idôneos, não parece querer, entretanto, assumir plena responsabilidade pela divulgação de mais este portentoso.

23. Fray Bartolomé de Las Casas, *Historia de las Indias*, II, pág. 505.

24. D. Bernardo de Vargas Machuca, *Milicia y Descripción de las Indias*, II, pág. 143.

25. Marco Polo, *Il Milione*, pág. 320. A versão ramusiana das viagens de Marco Polo

dá, no entanto, uma explicação diferente desse uso.

no Polo/Colo

A frase com que finaliza a notícia a seu respeito, esquivando-se de confirmá-la ou desmenti-la, é como um eco de Tácito, onde, depois de aludir à teoria corrente na sua Germânia, de que por lá andara Ulisses, ficando mesmo sinal de sua passagem em certo lugar das bordas do Reno, deixa ao leitor o aceitá-lo ou não: "tais coisas se contam, e a ti eu as narro"<sup>26</sup>. Apesar desse seu tom hesitante ou mesmo dubitativo, a crença na existência de uma terra de "mulheres sem homens"<sup>27</sup>, nos novos mundos, não deixou de se alastrar como epidemia e foi endossada sem reservas por outros autores que escreveram depois de Colombo.

O descobridor julgara quase modestamente ter apenas localizado, através de caminho mais breve, certos lugares que antes dele outros haviam noticiado. Uma vez assente, porém, que as terras encontradas na da tinham a ver com aquela Índia "*extra Gangem*", o Oriente de Marco Polo ou de Pedro Aliaco, era inevitável que a geografia fabulosa da Antigüidade e da Idade Média se desdobrasse em novos reinos de assombrosa maravilha. Assim é que o insulário de Bordone, impresso em Veneza no ano de 1547, embora já se achasse composto desde 1521, exhibe à mesma página as duas ilhas: a das Antilhas, com a inscrição bem legível — Matinino — e a do Mar Índico, inspirada, esta, diretamente ou não, no relato de Marco Polo.

O veneziano, que é um dos precursores remotos, além de certos autores antigos, do romantismo insular que se desenvolve com o Renascimento e o Barroco, renovara, talvez sem o sentir, de acordo com essa tendência, a tradição clássica das amazonas. Continentais, em sua origem, estas irão mudar-se aos poucos para as ilhas de mistério, assim como o próprio paraíso e, em parte, a fonte de Juvenia, que brota de Bimini. A tradição ainda se conservara intacta naquela famosa burla que fora a carta de Preste João, onde, ao lado de portentosos tais como os *monoculi*, os homens com um olho na frente e outro no vértice ou na nuca, centauros, faunos, sátiros, pigmeus, gigantes, ciclopes, sem falar na Ave Fênix<sup>27</sup>, lá estão as amazonas continentais entre os numerosos vassallos do misterioso potentado cristão do Oriente. Note-se, de passagem, que o lendário monarca é nestoriano e sacerdote, como o são aqueles bispos a que se acham sujeitos os moradores da *isle male* e da *isle femelle*.

Por *tisa-vez*, o próprio Cristóvão Colombo, que tratara de interpretar as falas dos índios antilhanos segundo idéias legadas tanto pelos

autores antigos como pelos geógrafos medievais, chegou a sublinhar, no seu exemplar da *História rerum ubique gestarum* do Papa Pio II (Enéias Silvio Piccolomini), a passagem onde se diz da cartografia contemporânea que apresenta a terra das amazonas, não no continente, mas numa ilha<sup>28</sup>. Interpretada ou não segundo tradições herdadas do mundo antigo, a notícia fornecida por um velho piloto das Molucas, que ia na armada de Magalhães, acerca da ilha chamada Ocoloro, nas vizinhanças de Java, e recolhidas por Pigafetta, faziam constar que ali só viviam mulheres.

Mais alheias a pensamentos namorados do que as de Matinino ou da *isle femelle* não sofriram estas sequer a aproximação de varões, de modo que só se deixavam emprenhar pelo vento, assim como sucedera em outros tempos com certas águas da costa da Lusitânia e, mais exatamente, do próprio sítio correspondente a Lisboa, segundo uma história "incrivel, porém verídica" referida no tratado de Varrão<sup>29</sup>. Diz Pigafetta das de Ocoloro que, dando à luz algum filho, matavam-no se fosse macho e, se mulher, conservavam-na consigo. E tão esquivas se mostravam à conversação amorosa que, se algum homem ousasse desembarcar em sua ilha, pelejavam por tirar-lhe a vida<sup>30</sup>.

Desencantada, enfim, a misteriosa Matinino, irão aos poucos apagar-se neste hemisfério as ilhas mágicas. O *habitat* próprio das amazonas americanas vai ser, como na Antigüidade, um cenário continental. Já durante o segundo decênio dos Quinhentos, quando Juan de Grijalva prepara sua expedição do Iucatã, diz-se dessa região que é habitada de uma casta de amazonas. Tal idéia não irá colidir tão vivamente, como se poderia supor, com a geografia visionária daqueles tempos, se se tiver em mente que só mais tarde, e justamente devido às explorações de Grijalva, se verificará tratar-se de uma península o que antes fora tido por ilha.

Contudo a idéia de que as amazonas se encontrariam de qualquer modo em algum sítio do Novo Mundo tendia cada vez mais a robustecer-se. Já em 1504 tinham sido algumas delas avistadas em uma praia, a pouca distância, por sinal, da paragem onde Colombo tentara situar o Paraíso Terrestre. Não seriam autênticas amazonas essas combatentes, que faziam prodígios ao lado dos homens, ajudando-os na resistência ao invasor, com o auxílio de suas mortíferas flechas ervadas. De semelhante espetáculo, porém, onde o real e o fantástico parecem fundirse, deveria nascer o ambiente mais propício ao mito.

É a partir de então que as mulheres guerreiras, pugnando, já agora por si sós e sem sujeição, pois tinham submetido os homens ao seu poder, principiavam a ser vistas ou faladas nos mais variados recantos

28. *Raccolta di Documenti e Studi pubblicati dalla R. Commissione Colombiana*, I, pie. II, pág. 313.

29. M. Terentii VARRONIS, *Rerum Rusticarum*, II, 2: "In fetura res incredibilis est in Hispania, sed est vera, quod in Lusitania ad oceanum in ea regione, ubi est oppidum Olishipo, monte Tagro quaedam et vento conpuniunt, certo tempore equae [...]".

30. Antônio PIGAFETTA, *Relazione del Primo Viaggio intorno al Mondo*, pág. 258.

26. P. MARTIRE D'ANGHERA, *Le Decade del Mondo Nuovo*, págs. 113 e segs. A passagem completa de Pedro Mártir diz o seguinte: "Se acreditais que os canibais, em dadas épocas do ano, se vão ajuntar com aquelas mulheres, há de ser como referiu a Antigüidade, que se ajuntavam os trácios com as amazonas de Lesbos e que, da mesma forma, envivavam elas aos pais os filhos machos e guardavam as meninas. Dizem destas mulheres que têm grandes cunhucos onde se refugiam se algum varão as vai buscar fora do tempo convencional. E se alguém tentar com violência ou insídia violar o ingresso dessas passagens subterrâneas, respondem a flechadas e, ao que se supõe, sem perder tiro. Tais coisas se narram e eu as refiro a ti."

27. Dr. Richard HENNIG, *Terrae Incognitae*, II, pág. 364.

do continente. Há sinal delas, por exemplo, no Novo Reino de Granada e, em particular, na cidade de Pasto. No Quito, a Real Audiência apura a existência, em certa província, dessas viragos, capazes de sustentar-se sem o convívio de homens, salvo em determinadas ocasiões<sup>31</sup>. Até na extremidade austral do continente, quase vizinhan-do com os gigantes patagões, de que também tratará a etnografia fantástica, elas não de reaparecer com as mesmas características. Assim é que, durante a conquista do Chile, a gente de Pedro de Valdivia é informada de sua presença nas partes do Sul, a par de muitas outras maravilhas. Obedecem estas, porém, a certo Leuchen Golma, posto que tenham sua rainha própria, a que chamam Guanomilla. Segundo Go-mara, os conquistadores viam nisto sinal positivo de ouro, e assim ar-guiam ser aquela terra muito rica, ainda que outros julgassem menos compatível com o metal precioso a latitude de quarenta graus, que era onde deviam viver as tais mulheres. Ao cabo de muitas fadigas, nem encontraram amazonas, nem ouro, nem Leuchen Golma, nem a Ilha de Salomão, assim denominada pela fama das muitas riquezas que ne-la haveria<sup>32</sup>.

Da suspeita de que, onde houvesse dessas nações de mulheres sem homens, existiriam por força grandes riquezas minerais, há pelo menos outro testemunho, que é o do Padre Cristoval de Acuña. “El tiempo descubrirá la verdad”, escreve, com efeito, esse jesuíta, “y si estas son las Amazonas afamadas de los historiadores, tesoros encierra en su co-marca para enriquecer á todo el mundo”<sup>33</sup>. Assim é que o prestígio de certas imagens clássicas, a da empresa de Jasão com seus argonautas, a do ouro da Cólchida e do tesouro do Cáucaso, por onde corriam as amazonas da antiguidade, podia ter, ainda em meados do século XVII, a mesma força de sugestão que exerciam ao tempo de Colombo os mo-tivos edênicos da geografia medieval.

Não era, porém, às mulheres belicosas do Chile, nem às de Carta-gena, nem às do Iucatã e das Antilhas, ou àquelas que Hernando de Ribera, saindo do Paraguai para o norte, situou em 1544 aos 12° de latitude sul — temível geração de gentes, escreve o mesmo Ribera, com “mucho metal blanco y amarillo, y [...] los asentios y servicios de sus casas eran todos del dicho metal”<sup>34</sup> — que pretendia referir-se Cristo-val de Acuña nesse passo. Era, sim, as do caudaloso Rio de Orellana, que delas ainda guarda o nome.

Tamanha será a longevidade desse velho mito no novo quadro geo-gráfico onde afinal se instalou, que sábios ilustres não se cansarão, ainda em fins do Setecentos, de indagar, nas suas andanças entre as tribos

31. P. Cristoval de ACUÑA, *Nuevo Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas*, pág. 174.

32. FRANCISCO LOPES DE COMARA, *Historia General de las Indias*, I, pág. 237.

33. P. Cristoval de ACUÑA, *Nuevo Descubrimiento*, pág. 178.

34. “Relación de Hernando de Ribera”, in Alvar Nuñez Cabeza de VACA, *Naufragios y Comentarios*, pág. 363.

comarcãs, do paradero das animosas guerreiras. Para tão assombro-sos mistérios, aquelas terras dilatadíssimas, de clima tórrido e selvas opulentas, emredadas em mil correntes de água, *furos*, *igarapés*, vár-zeas alagadiças, infestadas de uma fauna hostil e de índios bravios, ha-viam de fornecer agasalho ideal e quase inexpugnável.

As versões anteriores sobre a existência no Novo Mundo de algu-ma nação de mulheres adversas ao jugo varonil, deviam preíspor os aventureiros europeus a acolher, colorindo-as e enriquecendo-as, segun-do lhes pedia a imaginação, certas notícias sobre tribos indígenas onde as esposas porfiavam com os maridos na faina guerreira. Foi às beira-das daquele rio-mar, porém, e quando pela primeira vez na história um bando de espanhóis o cursou em sua maior extensão até chegar à em-bocadura, que elas vieram a ganhar corpo. Tendo saído do Quito em 1541 rumo ao imaginário País da Canela, Francisco de Orellana e seus companheiros, antes mesmo de alcançar o Maxifaro e a terra dos Omã-gua, foram avisados pelo velho cacique Aparia de que, águas abaixo, no grande rio, se achavam amazonas, e que apartadas dele e metidas terra adentro estavam as dependências do chefe Ica, abundantíssimas em metal amarelo. Este último senhorio nunca o viram e nem dele ou-viram falar os expedicionários, por se achar fora de seu caminho. Das amazonas, no entanto, voltaram a ter notícia quando, mais adiante, lhes advertiram outros índios do perigo a que se expunham de as alcan-car, por serem poucos e elas muitas.

Foi aparentemente depois de atravessar a foz do Madeira, quando já procuravam assento adequado para celebrar as festas de São João Batista, que deram em cheio com a “boa terra e senhorio das amazo-nas”, assim chamadas pelo cronista da viagem, o dominicano Frei Gas-par de Carvajal. Essa bondade da terra não impediu que uma tremen-da refrega e a mais perigosa em que se meteram durante toda a viagem, saudasse ali aos homens de Orellana. A fúria com que se viram acometidos, explica-a o frade pela cena extraordinária que testemunhou ou que lhe pintou a imaginação, de algumas mulheres, dez ou doze por-ventura, a pelejar tão animosamente, diante de todos os índios, como se foram seus captiães, que eles não tinham coragem de fugir, e àquele que tentasse fazê-lo, matavam-no a pau.

Não deixaram logo de ver como os índios da região deveriam ser sujeitos às mesmas mulheres e delas tributários, e como, sabedores da vinda dos espanhóis, teriam mandado pedir sua ajuda: esta a causa de se acharem ao seu lado algumas daquelas valentes guerreiras. Só se acal-mou finalmente a peleja quando puderam os companheiros de Orel-la-na matar a maior parte delas, o que fizeram com grande trabalho. Re-sultou disso que os índios desanimaram depressa, e foram vencidos e desbaratados com grandes perdas.

Ao descrever aquelas mulheres, ainda abراسados da admiração que a todos causaram os seus feitos, diz o dominicano que eram membru-das, de grande estatura, e brancas; tinham cabeleira muito longa, tran-

cada e revolta no alto da cabeça; andavam nuas, com as vergonhas tapadas. E ainda acrescenta que uma só, entre elas, valia, no combate, por dez homens. Tamanca era sua fereza no lançar as flechas, que estas se metiam até um palmo dentro no alvo, de sorte que um bergantim, de tão crivado delas, mais parecia porco-espinho<sup>35</sup>.

Proseguindo em sua viagem, o que não se fez sem outros perigos, julgaram os de Orellana avistar certas manchas branqueando a uma distância que seria de duas léguas pouco mais ou menos, à mão direita, que era para a banda do sul, com toda a aparência de tratar-se de grandes cidades. Tudo isso, os ares temperados da província, que recebem o nome de São João, do dia em que nela entraram, sua fecundidade, que já prometia grandes colheitas de trigo e frutas da Europa, assim como boas criações de gado, servia para aguçar o interesse e a curiosidade gerais. Diante disso fez Orellana ir a sua presença um índio apriionado dias antes, pois já se julgava em condições de entendê-lo e fazer-se dele entender, graças a um vocabulário, elaborado não se sabe como. E as respostas dadas às indagações, que versaram antes de tudo, segundo se poderia esperar, sobre as denodadas mulheres, foram naturalmente uma confirmação cabal de tudo quanto queriam acreditar o capitão e seus companheiros.

Souberam, assim, que as amazonas existiam realmente, e que sua terra ficava a quatro ou cinco jornadas da costa do rio, embora sujeitassem muitos povos vizinhos; o próprio chefe a quem obedecia o dito índio subordinava-se a elas. Ao perguntar-lhe Orellana se as casas onde moravam elas eram de palha, retrucou-lhes o informante, homem “de muita razão e muito bom”, que eram de pedra e tinham portas. Disse mais que suas povoações — setenta, ao menos, que tantas conhecia ele pelos nomes e em algumas tinha estado — se comunicavam entre si por meio de corredores com muros dos dois lados, que nesses muros havia portas, de espaço em espaço, onde se postavam guardas, com a incumbência de cobrar direito de quem entrasse.

À pergunta sobre se as mesmas amazonas eram casadas e tinham maridos, respondeu o índio negativamente, e acrescentou que elas participavam com homens em certas épocas. Esses homens, dissera-lhes, vão de uma província confinante com a sua, pertencente a um senhor poderoso, e são de cor branca, se bem que não tenham barbas. Quando apetece às amazonas comunicar-se com eles, fazem-nos ir às suas casas e deixam-nos lá ficar algum tempo. Não pôde apurar o capitão, porém, se os homens iam de sua livre vontade ou por guerra, mas conseguiu entender que os filhos machos, se os tinham, tratavam elas de matá-los ou enviá-los aos pais, só guardando consigo as mulheres, que criavam com grande regozijo. Sujetavam-se todas ao governo de uma senhora principal, chamada Coroni ou Conhori.

35. Fray Gaspar de Carvajal, *Relación del Nuevo Descubrimiento del Famoso Rio Grande de las Amazonas*, págs. 97 e segs.

Outra notícia que receberam do informante índio, e que muito os teria confortado, foi a da “grandíssima” riqueza em ouro que havia nas mesmas terras, tanto que de ouro era todo o serviço nas casas das mulheres principais. Na cidade onde tinha sua residência a Coroni, existiam cinco “casas do sol”, com seus ídolos de ouro e prata, representando figuras femininas. Essas casas eram revestidas, até o meio das paredes, de chapas de prata. De prata, e unidos às mesmas chapas, eram também os bancos onde se sentavam todas para as suas borracheiras. Os tetos das “casas do sol” ou adoratórios eram forrados de penas de papagaito multicoloridas.

As mulheres andavam ordinariamente vestidas de lã, que havia ali “ovellas” do Peru, ou lhamas, em abundância, e tinham os seus vestidos recobertos de muito ouro. Segundo cuidaram entender ainda os espanhóis, havia também camelos, além de uns bichos corpulentos e mudos de tromba: estes não seriam porém numerosos.

Graças a tais informações, que lisonjeavam de uma parte a imaginação desemperada dos conquistadores, e de outra, a sua cobiça dos bens terrenos, achava-se firmado sobre fundamentos duradouros o mito das amazonas americanas. Em muitos pontos a descrição de Carvajal não é puramente imaginária, e coincide notavelmente, em verdade, com o que ele e seus companheiros teriam podido ver no Peru.

Assim é que na relação de Francisco de Xerez, impressa pela primeira vez em 1534, isto é seis anos, ou pouco mais, antes da expedição de Orellana, mencionam-se expressamente as “casas do sol” existentes em toda aquela província e que o autor também denomina mesquitas. “Esta casa”, escreve de uma delas, “dizem que es del sol, por que en cada pueblo hacen sus mesquitas al sol”. Algumas eram de pedra, e pelo menos a do Cusco velho aparece chapada não só de prata como de ouro. Do largo emprego ali das penas de papagaito pode dar idéia a descrição, feita pelo cronista, da carruagem de Atualpa: “una litera aforrada de plumas de papagayo de muchos colores y guarnecida de oro y plata”. Dos caminhos diz também Xerez que eram cercados de taipa dos dois lados e em alguns lugares havia a casa do guarda, encarregado de arrecadar a portagem. Nenhum viajante pode entrar nem sair por outro caminho, levando carga, senão por aquele onde haja guarda, e isso sob pena de morte”. Os serviços de prata e ouro seriam frequentes entre a gente principal, e um embaixador mandado por Atualpa a Francisco Pizarro levava cinco ou seis vasos de ouro fino, onde bebu e deu de beber aos espanhóis<sup>36</sup>.

Quanto ao elemento fantástico, ou largamente fantasiado, no relato de Carvajal sobre o país das amazonas, provém quase todo ele de fontes eruditas e coincide em grande parte com as notícias de Estrabão, Arriano, Deodoro Sículo — para tratar apenas de historiadores

36. Francisco de Xerez, *Verdadera Relación de la Conquista del Perú*, págs. 54, 55, 56, 63, 72, 79 e 89.

que acreditaram na sua existência — quando não dos poetas clássicos. Em sua feição definitiva, se assim se pode dizer, dado que eram variados e discordes os testemunhos a respeito, essas amazonas americanas assimilaram os traços distintivos do seu padrão clássico, o do Termostonte como o da Líbia, de sorte que pouco faltou para ressuscitarem aqui as Hipólitas e Pentestéias.

É mister observar, no entanto, que aquelas mesmas discordâncias incidiam, de um modo geral, sobre aspectos acessórios, sem chegar a afetar o essencial. Houve, assim, os que admitiram para as da América o mesmo uso atribuído às antigas, de aplicarem metal em brasa sobre o peito direito, com que o faziam murchar ou de todo desaparecer, tornando-se assim mais aptas para as campanhas guerreiras, que requerem liberdade de movimentos. Outros seguindo ainda nisto alguns autores antigos, para os quais as amazonas levavam apenas, e pelas mesmas razões, o seio direito descoberto, o “unum exserta latus pugnae” virgiliano, julgavam pouco verossímil aquela opinião. Para Gomara, por exemplo, elas não precisariam ir ao extremo de cortar ou queimar um dos seios para o bom manejo do arco, e nem acreditava que houvesse mulher capaz de se desfigurar dessa forma<sup>37</sup>. O próprio Thévet, sempre acessível a concepções extremadas, ao ponto de ter visto nas amazonas do Brasil as descendentes prováveis e as herdeiras daquelas mesmas que se dispersaram em seguida à guerra de Tróia, acha duvidoso que pudessem, sem grande perigo de vida, submeter-se a operação dessa natureza em órgão tão delicado e chegado ao coração<sup>38</sup>.

Outra aparente divergência entre os que escreveram sobre essas amazonas refere-se à própria situação de sua província. Segundo Frei Gaspar de Carvajal, deviam viver para as bandas do Sul do rio gigantesco. O Padre Cristóval de Acuña, no entanto, parece transferi-las para a margem esquerda, isto é, para o Norte, precisando que se achavam justamente a trinta e seis léguas, rio abaixo, da última aldeia tupinambá<sup>39</sup>. Thévet instalou-as, por sua vez, em ilhas pequenas, que aparelhavam de modo a poder convertê-las em fortalezas: diligência bem própria de uma nação que vivia em guerras constantes com os vizinhos. Tal circunstância representa aliás um dos poderosos esteios em que se arrima a ambição desse autor de poder filia-las as da Ásia, pois estas viviam da mesma maneira, segundo o levam a crer alguns dos seus historiadores antigos<sup>40</sup>.

37. Lopez de GOMARA, *Historia General*, I, págs. 151.

38. André THÉVET, *Les Singularitez de la France Antarctique*, págs. 351 e segs.: “Il y a diverses opinions pourquoy elles ont esté appellées Amazonnes. La plus commune est, pour ce que ces femmes brusloient les mammelles en leur tenesse, pour estre plus dextres à la guerre. Ce que je trouve fort estrange, et m en rapporterois aux medecins, si telles parties se peuvent ainsi cruellement oster sans mort, attendu qu’elles sont fort sensibles, joint aussi qu’elles sont prochaines du cuer, toutefois la meilleure part est de ceste opinion.”

39. P. Cristóval de ACUÑA, *Nuevo Descubrimiento*, pág. 176.

40. A. THÉVET, *Les Singularitez*, págs. 329: “Quelques uns pourroyent dire que ce ne sont Amazonnes, mais à moy ie les estime telles, attendu quelles vivent tout ainsi que nous trouons auoir vescu les Amazonnes de l’Asie.”

Um ponto de vista intermediário entre semelhante versão e a tradicional, oriunda de declarações de um companheiro do Orellana, tentará fornecê-la Sir Walter Ralleigh, que conhece e menciona os escritos do cosmógrafo do rei de França. Para ele as amazonas tinham de fato sua morada na parte Sul do grande rio, posto que seus maiores redutos armados se encontrassem em certas ilhas e a um distância aproximada de sessenta léguas da foz<sup>41</sup>. Ao projeto que acalentava de granjear para sua soberana um opulento império que, a partir da Guiana, se alargasse sobre o Equador, abrigo em si os tesouros famosos de Manoa, não seria mesmo alheio o feitiço que sobre o ânimo do aventureiro-poeta poderia exercer tão impávidas mulheres. Algum dia, o nome de uma rainha virgem, capaz, não só de defender suas terras e as de seus vizinhos, há de ressoar aos ouvidos daquelas amazonas do rio-mar: assim espera e o proclama<sup>42</sup> quem, entretido em tão altos pensamentos, já vai recendo, sem o saber, a própria desventura.

Apesar do fascínio que logrou exercer durante longo tempo — La Condamine ainda recolhe notícias da passagem de amazonas no Purus, de onde teriam seguido para o norte, até se embrenharem nas selvas do Negro, e Southey, já no século XIX, não tem por improvável a existência ali das mesmas mulheres guerreiras — é esse, entre os grandes mitos da conquista, o que menos se filia, na aparência, aos motivos edênicos. Mas só na aparência, pois uma velha tradição tende constantemente a vincular os dois temas por uma espécie de atração recíproca.

Assim, por exemplo, nos romances de Alexandre, que tanto contribuíram, durante a Idade Média, para disseminar o gosto por aqueles motivos, o caso da sujeição das amazonas ao seu herói surge lado a lado com o *Iter ad Paradisum* nas suas diferentes redações, todas derivadas, segundo se chegou a apurar, de um mesmo original judaico<sup>43</sup>. E não deve ser por acaso que a Fênixia de Mandeville se acha contígua à Caldéia, regada pelas águas do Éden<sup>44</sup>. Ou que na história do mui-

41. Sir Walter RALLEIGH, “The discoveries of the large, rich, and beautifull Empire of Guiana, with a relation of the great and golden cite of Manoa (which the Spaniards call El Dorado) and the provinces of Emerita, Aromata and other countries, with the rivers adjoining”, in Richard Hakluyt, *The Principal Navigations*, VII, págs. 295 e segs.

42. Sir Walter RALLEIGH, “The discoveries of the large, rich and beautifull Empire of Guiana”, in Hakluyt, *The Principal Navigations*, VII, págs. 350: “And where the south border of Guiana reacheth to the Dominion and Empire of the Amazonnes, these women shall heare the name of a virgin, which is not onely able to defend her owne territories and her neighbours, but also to invade and conquer so great Empire and so farre removed.”

43. George CARY, *The Medieval Alexander*, págs. 10 e segs.

44. *Mandeville's Travels*, II, pág. 316: “Puis outre Caldée est Amazonie, cest la terre de Femmitte. Cest un royaume ou il na que femmes, car les hommes ne pourroient vivre en ce payz, si comme aucuns dient. Mais pour ce nest il mis ainsi, car elles ne veulent que les hommes aient nulle signeurie sur elles!... Mais quant veulent compagnie donne elles se traient vers les terres marchissans et ont leurs amis qui les visitent et demeurent diez eulz. x. iour, et puis se retraient arrieres. Et selles ont enfants et il sont masles, elles lennoient au pere, quant il scet aller et mangier par lui seul, ou elles loecient. Et se cest femelle, elles li ostent les mammelles a vierte chaut. Se elle est gracieuse femelle, on li oste la senestre pou mieu porte lessu. Et si cest femelle de pie, on li ost la destre, afin quelle ne li empesche a traire de larc turquois; car elles

esforçado cavaleiro Esplandián, filho de Amadis de Gaula, composta por Garcí-Ordóñez de Montalvo já no século XVI, se fale numa ilha chamada Califórnia, à mão direita das Índias “muito chegada às partes do Paraíso Terreal”, e povoada de mulheres negras, sem que varão algum entre elas houvesse, “que casi como las amazonas era su estilo de vivir”.

É fora de dúvida que os romances de Cavalaria constituíram a leitura dileta e a inspiração de muitos conquistadores espanhóis. A própria idéia da fonte de Juventa bem pode ter sido lembrada a Ponce de León pelo caso da fonte mágica do monte Artifaria, no Palmeirim de Oliva, publicada em Salamanca dois anos antes de sua primeira expedição à Flórida. E ao cabo lhe sucedeu quase como a Dom Galaor no romance do Amadis de Gaula: o qual indo a beber de uma fonte milagrosa que certo cavaleiro com enganos lhe indicou, veio a perder o cavalo e as armas.

Também Cortez se teria deixado impressionar pelas *Sergas de Esplandián*, ou ainda pela história de Lisuarte da Grécia, que trata igualmente das amazonas da Califórnia e de sua Rainha Calafia quando mandou à costa ocidental da Nova Espanha a expedição referida numa das suas cartas a Carlos V. As notícias dessa expedição falam, de fato, em certa ilha “toda povoada de mulheres sem varão algum, e em dada época do ano vão da terra firme uns homens com os quais elas têm acesso”, e acrescentam que o lugar é muito rico em ouro e pérolas. Parecia indubitável que os exploradores se teriam aproximado daquela “mão direita das Índias” onde estava situada a Califórnia de Esplandián<sup>45</sup>. Outras tropas exploraram sucessivamente a região, e posto que nunca tivessem encontrado as mulheres sem homens, atribuíram, contudo, a uma península e a um extenso território contíguo, o nome que estes ainda hoje preservam.

Na história da conquista da América, o tema das amazonas é geralmente inseparável de outro, não menos popular, e que a seu modo, já vislumbrara Colombo em suas viagens de descobrimento. Uma das causas da opinião de Colombo de que o Golfo de Pária era conjunto com o Éden, ao lado da que se prendia à sua própria situação geográfica (pois cuidava que toda aquela área se achava no extremo ponto do Extremo Oriente, onde se levantara o Sol no dia da Criação); dos bons ares e temperados, ainda que vizinhos da equinocial; das águas doces, apazíveis e salúíferas; do jardim natural que formava em muitas partes a vegetação; do rio de quatro bocas (pois tantas divisara ali a gente da caravela *El Correo*, mandada a reconhecê-lo) idêntico ao que, saindo do Paraíso Terrestre, também se dividia em quatro cabeças, en-

contrava-se justamente nos sinais de abundantíssimas riquezas que lá se mostravam.

Que outro significado poderiam ter, em realidade, aqueles discos ornamentais do gentio que accorria às praias ao sul da Baía Celeste, feitos de uma liga de cobre e ouro?<sup>46</sup> Ou os colares de muitas pérolas que exibiam as mulheres de Los Jardines? Já os caribes insulares pareciam ter revelado, com seus vagos gestos, que por aquelas bandas ficava um continente prodigiosamente rico. E o Almirante, sem esperar ao menos por informações mais positivas, logo decretará, e registrará em seu diário de bordo, que o ouro dessa terra é muito bom.

Com a sua ressalva de que, erigido em escadão para piedosas empressas, como a da recuperação dos lugares santos em Jerusalém, ou para se alcançarem os verdadeiros bens do espírito, esse mesmo ouro, tão infamado pelos homens doutos e prudentes, se faria desejável e era até “excelentíssimo”, justificava-se o móvel principal que levava às Índias numerosos aventureiros de todas as nações. Incapazes de ainar com o alcance de delicadas sutilezas, muitos irão dar um passo além, só lhes faltando, em verdade, canonizar a própria ganância. Ganância, não apenas de riquezas como ainda de honrarias, aparatos e glórias do mundo, que passam a constituir a meta constante do conquistador castelhano. E assim, até a ventura eterna vem a ter, muitas vezes, para ele, a cor da própria cobiça, com o que se recobre o paraíso, em sua imaginação, de todas as galanterias terrenas.

De sorte que a mesma fantasia de onde vieram tantas histórias de amazonas americanas, e quase ao mesmo tempo, na mesma região, e aproximadamente com os mesmos endereços, chegou a sugerir uma das mais celebradas obsessões dos soldados da conquista. Sua origem remota estaria no caso referido aos homens de Sebastián de Benalcázar, quando este empreendeu em 1533 a conquista de Quito, de um chefe indígena de certo lugar mais ao norte, o qual se banhava todas as manhãs numa lagoa, depois de coberto o corpo nu de pó de ouro. O ângulo real da fábula, que este não lhe faltava certamente, como não faltava à das amazonas, estava nos imensos tesouros que, segundo voz corrente, se acumulariam nas terras dos Chibcha.

Como freqüentemente acontece com os chamados “segredos de Índias”, o lado fabuloso veio, no entanto, a destacar-se aqui e a absorver rapidamente o verídico. O próprio sítio onde inicialmente se supusera existir o “Príncipe Dourado”, com sua lagoa e seus tesouros infíndos,

traient moult bien de larc a main.” Os mesmos portmenores reaparecem com pouca diferença na descrição que das amazonas americanas apresenta o aventureiro alemão Ulrich Schmidel, que esteve na expedição de Hernando de Ribera. Cf. *Ulrich Schmidels Reise nach Süd-Amerika in den Jahren 1534 bis 1554*, págs. 58 e segs.

45. Irving A. LEONARD, “Conquerors and Amazonas in Mexico” *HAHR*, novembro, 1944, pág. 575.

46. “Associado o cobre ao ouro”, escreve um historiador moderno, “o ponto de fusão reduz-se de mais de mil a apenas duzentos graus centígrados, o que representava grande vantagem para aqueles primitivos metalurgistas. E como eram forçados a fazer vir o cobre da América Central estimavam-no mais do que ao ouro. De sorte que, para o encanto dos europeus, êsses indígenas do Pária se comprariam em trocar objetos feitos em grande parte de ouro pelo seu equivalente em peso, de latão ou cobre”. Samuel Eliot MORISON, *Christopher Columbus, Mariner*, pág. 165.

passa a deslocar-se sucessivamente a cada avanço novo e a cada novo desengano dos conquistadores espanhóis, ou mesmo alemães, como Ambrósio Ehinger, Federmann, Georg Hohermuth, Philipp von Hutten, mais tarde também ingleses como Ralleigh, até meter-se, com o das amazzonas, em lugares invios que guardariam melhor o seu mistério. Entre as características que oferecem em comum os dois mitos está exatamente essa extraordinária mobilidade que revelaram, ao menos em sua fase de formação.

De fato procuraram o Eldorado, a principio, em Santa Marta, Nova Granada; no vale do Cauca; na Guiana; para ao cabo situá-lo no país dos Omáqua, onde mais longamente perdurou, sempre sob o fascínio que despertava o nome da resplandecente Manoa. E sempre, já houve quem o dissesse, com aquela mescla de espiritualidade e riqueza, de devoção e ambição, da religião do Cristo e do culto do bezerro de ouro, que se acha à base da demanda obstinada. Tão obstinada, com efeito, que chega em dado momento a receber um sinete oficial com a nomeação de Pedro de Orsúa para Governador e Capitão-general do Dourado e com a remessa, em várias épocas, de poderosos contingentes militares incumbidos de descobrir aquele país encantado.

### III

#### *Pegãs e pedras*

À IMAGEM OU NÃO do Dourado propriamente dito — o dos Omáqua e de Manoa — e também do Dourado de Meta, isto é o dos Chibcha, foram repontando aqui e ali muitos outros reinos áureos ou argênteos, não menos lisonjeiros para a desordenada cobiça dos soldados. Georg Friederici consegue assinalar, em sumária relação, o Dourado de Paititi, nas regiões de Mojos e Chiquitos; o Dourado dos Césares, na Patagônia, até ao Estreito de Magalhães e, para o norte, na área de Chaco; o Dourado das Sete Cidades, no território do Novo México atual<sup>1</sup>, e o de Quivira, ao oriente das grandes planuras da América do Norte<sup>2</sup>.

A esses poderia juntar o Dourado do Vupabuçu e Parapupava, no Brasil, isto é aquela mesma lagoa dourada, segundo todos os indícios, que Gabriel Soares saiu a procurar e em cuja demanda se finou. Tributário, embora, do mito que se esgalhara de Nova Granada para a Guiana e o país dos Omáqua, é significativo que esse Dourado, impedido por alguns até ao Xarates, na direção do Peru, não teve para nenhum dos cronistas portugueses, ao que se saiba, aquelas cores deslumbrantes ou a aureola paradisíaca de que se envolvera a Manoa lendária.

Registrado em alguns mapas e citados de passagem por Frei Vicente do Salvador com aquele nome de Dourado ou Lagoa Dourada, a ele não se faz, entretanto, qualquer alusão nos escritos conhecidos do próprio Gabriel Soares. E em realidade, o simples atrativo do ouro, e ainda o da prata, segundo o exemplo de Potosi, bastaria, independentemente de qualquer elemento fantástico, para autorizar o longo presépio alcançado por uma região imprecisa, onde depósitos dos índios faziam presumir que comportava abundantes jazidas de metal precioso. Esse elemento fantástico, se existiu no caso do Dourado brasileiro, nenhum texto quinhenista o certifica.

Esse fato surpreende tanto mais quanto a mestiçagem e o assíduo contato dos portugueses com o genio da costa, longe de amortecer, era de molde talvez a reanimar alguns dos motivos edênicos trazidos da Europa e que tanto vicejaram em outras partes do Novo Mundo. Sabe-se,

1. Embora originária de uma tradição medieval e provavelmente ibérica, de largo crédito em Portugal ao tempo de D. Henrique o Navegador, a lenda das Sete Cidades, despojada agora de seu caráter insular, jamais pareceu tão perto de realizar-se como à volta de 1530, quando Nuño de Guzmán saiu à procura dos opulentos povoados, em número de sete, e maior, cada qual, do que a cidade do México e seus arrabaldes, com enormes edifícios e ruas inteiramente ocupadas pelos urtives.

2. Georg Friederici, *Der Charakter der Entdeckung und Eroberung Amerikas durch die Europäer*, I, págs. 410 e segs.